

AS CORES
SOMBRIAS
DA NAÇÃO
ARCO-ÍRIS

BLIMUNDA

BIBLIO
TECAS
ESCO
LARES

JANGADA DE PEDRA

PLANETA
TANGE
RINA

ANDREA

ZAMO

RANO

ANTONIO
SÁEZ

DELGADO

4

**30 anos de
construção
de uma
jangada**

Editorial

6

Leituras

Sara Figueiredo

9

Estante

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Blimunda

54

novembro

16

**As cores som-
brias da nação
arco-íris**

Sara Figueiredo Costa

29

**A Casa da
Andréa**

Andréa Zamorano

37

**20 anos de
Bibliotecas
Escolares**

Andreia Brites

59

**And the
winner is...**

Andreia Brites

60

**Visita guiada:
Planeta
Tangerina**

Andreia Brites

78

Espelho Meu

Andreia Brites

83

**Saramaguiana:
A Janga-
da de Pedra,
30 anos, três
olhares**

Ricardo Viel

100

**Saramaguiana:
A Jangada
de Pedra, 30
anos, três
leituras**

Antonio Sáez Delgado

108

**Saramaguiana:
A Jangada de
Pedra navega
até à América
Latina**

Pilar del Río

114

Agenda

30 anos da construção de uma jangada

«Agora, sim, comecei. 13 de dezembro de 1985», lê-se no caderno de José Saramago com notas preparatórias para o romance *A Jangada de Pedra*. Durante meses, e antes de se sentar para escrever o livro, Saramago registou naquelas folhas a evolução da história que queria contar: o nascimento dos personagens, o

caminho que a Península Ibérica faria depois de se desprender do resto da Europa, os possíveis títulos que o romance teria, as dificuldades e ideias que lhe surgiam. Quando anotou que, por fim, começava, o escritor referia-se à escrita do livro, mas poderia também falar do início de uma aventura. Durante vários meses viajou pela e com a

Península Ibérica na companhia de Joana Carda, Maria Guavaira, Joaquim Sassa, José Anaíço, Pedro Orça e do cão Constante. Em novembro de 1986, *A Jangada de Pedra* chegou às livrarias, e milhares de leitores puderam empreender essa mesma viagem.

Publicado no ano em que Portugal passou a integrar a Comunidade Económica Europeia, o romance de José Saramago trazia consigo a provocadora proposta de aproximação da Península Ibérica à América Latina e a África. Sobre essa metáfora, disse o autor numa entrevista em 1992: «Digamos que fazer da Península

Ibérica uma jangada nessa direcção seria a proposta que o autor faz nesse livro, que é renovar o diálogo com esses povos irmãos. Mas sem qualquer intuito de neocolonialismo».

Passados 30 anos da publicação desse livro, fica a pergunta: para onde viaja essa jangada? Portugal e Espanha deveriam apostar num futuro conjunto que fosse mais voltado para o Sul do que para o Norte? Nos dias atuais um país e um povo têm a possibilidade de escolher o próprio destino ou estão condicionados pelas regras e normas do sistema? Este número 54 da revista *Blimunda*, além de muitos outros destaques, traz um dossier sobre *A Jangada de Pedra*, no mês em que José Saramago cumpre 94 anos, numa tentativa de perceber, à distância de três décadas, a relevância literária e política desse romance. Não podíamos deixar de assinalar um momento de enorme alegria para a Fundação José Saramago. A sua Presidenta, Pilar del Río, foi distinguida com o Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura 2016, pelo seu trabalho «como criadora e Presidenta da Fundação José Saramago, dedicada à defesa dos direitos humanos, à promoção da literatura portuguesa e ao intercâmbio da cultura portuguesa, espanhola e latino-americana» e porque «na sua própria pessoa e na Fundação que dirige se encarna o espírito e os valores da fraternidade luso-espanhola». À Pilar, parabéns!

Blimunda 54

NOVEMBRO 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

OS FANTASMAS DA DITADURA ARGENTINA

O escritor argentino Carlos Bernatek venceu a última edição do prémio Clarín Novela com o romance *El Canario*, uma narrativa que traz do passado os fantasmas da ditadura e a máquina de tortura que se instalou na ESMA (Escola de Mecânica da Armada), em Buenos Aires, sob o silêncio de alguns e a cooperação de mais uns tantos. A revista *Ñ*, do jornal *Clarín* (que atribui o prémio), entrevista o autor, procurando conhecer os seus processos de trabalho, a relação deste romance com o mais antigo *La pasión en colores* e o modo como a literatura argentina contemporânea olha para a ditadura militar que tomou conta do país entre 1976 e 1983. «Con Maidana entrás en el tema de la dictadura desde un costado poco habitual: el del personaje subalterno, que se ve envuelto en la maquinaria de la tortura. ¿Qué buscaste al poner el foco en ese personaje? He leído obsesivamente casi todo lo que se publicó acerca de campos de clandestinos de detención. Y algunas historias fueron muy significativas para escribirla. No porque quisiera hacer literatura de la dictadura. Pero si uno vive en la Argentina en los últimos cuarenta años y pretende obviar a la dictadura también está cometiendo un error grave. Quería entrarle al tema desde un personaje totalmente subalterno, como decís, un pibe que porque le toca la conscripción en la Esma termina metido en ese rollo de los “verdes”, alejado



de la toma de decisiones, pero que presencia eso de un modo muy carnalizado. Y al mismo tiempo, es un pibe. Y se enamora y sufre. Creo que caracterizar esta novela como un libro de la dictadura es como para que la gente diga “otro libro de la dictadura”. Pero yo digo: la literatura de la dictadura está por hacerse. No hay una gran novela de la dictadura.»



O JORNALISMO DE ALBERT CAMUS

Albert Camus não foi apenas um escritor excecional, tendo praticado durante vários anos o ofício do jornalismo. Em Espanha, um livro de María Santos-Sainz analisa esta faceta do autor, percorrendo o seu trabalho jornalístico e procurando perceber o que poderia relacionar o seu modo de o exercer com os desafios que o jornalismo enfrenta hoje em dia. No jornal *Infolibre*, Clara Morales dá conta dos trabalhos que decorreram aquando da apresentação do livro *Albert Camus, Periodista* (Libros.com) em Madrid, que contou igualmente com a presença dos jornalistas Jesús Maraña, Edwy Plenel e Antonio Rubio. «“Si estuviera hoy al frente de un medio”, aventuraba Rubio, “haría periodismo de investigación y denuncia social”. Ambos periodistas [Antonio Rubio e Edwy Plenel] señalaban que el ejemplo que

ofrece Camus es el de un compromiso con el propio oficio. Y no solo como redator de campo en su Argelia natal, como periodista de sucesos y como reportero de investigación. También como editorialista, un campo en el que demostró que "la otra pierna sobre la que debe caminar el periodista es acudir a la cita de su época", en palabras de Plenel. Algo que cumplió, por ejemplo, oponiéndose a la corriente dominante en un artículo publicado tras la bomba de Hiroshima, mientras otros periodistas celebraban el final de la guerra: "Fue el único en elevarse para señalar que la civilización que había producido el fascismo, para combatirlo utilizaba un arma que enseñaba el último grado de salvajismo de la civilización técnica". El mundo en el que desarrolló su oficio Camus está hoy moribundo, y el que le sucederá no ha nacido todavía, como defendía el diretor de Mediapart —denunciando, de paso, los "monstruos" que crecen entre ambos—. Jesús Maraña señalaba que, sin embargo, los principios que destiló hace ochenta años siguen "absolutamente vigentes". No solo los cuatro "mandamientos del periodista libre", que Camus resumía en "lucidez, desobediencia, ironía y obstinación". También en sus respuestas a distintos males que ya empezaban a acosar a la prensa de los cincuenta y que la de 2016 aún no ha resuelto.»



UM SÉCULO DE MÁRIO DIONÍSIO

Em 2016, assinala-se o centenário do nascimento de Mário Dionísio, escritor, pintor, ensaísta e crítico que deixou obra vasta e, infelizmente, poucas vezes acessíveis nas grandes livrarias. No *Público*, António Guerreiro assina um texto sobre a sua vida e obra a partir do congresso que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Museu do Neorrealismo e a Casa da Achada – Centro Mário Dionísio dedicaram ao autor. «Foi um congresso plural, para poder abarcar as várias áreas em que se reparte a obra de Mário Dionísio, cuja singularidade reside precisamente no modo como exerceu a sua atividade e teve uma intervenção pública em vários campos: foi poeta, ficcionista (autor de vários volumes de contos e de um romance), crítico, ensaísta, pintor, professor. Se a sua atividade de professor surge nesta lista ao mesmo nível da obra artístico-literária e teórico-ensaística, foi porque a exerceu não de maneira funcionária mas como uma vocação a que respondeu com extremo empenho: "Ensinar como simples ganha-pão é repugnante", escreveu ele na sua *Autobiografia*, de 1987. O seu magistério no Liceu Camões (onde foi colega de um outro celebrado professor dessa casa, Vergílio Ferreira, cujo centenário também se comemorou este ano), ao longo de duas décadas, tornou-se um tópico de evocação



recorrente, por parte de alguns dos seus ex-alunos que se tornaram figuras públicas da artes, das letras e da política, e explica parte da sua fama e do seu prestígio. Luís Miguel Cintra foi um desses ex-alunos (mas também Jorge Silva Melo, Eduardo Prado Coelho e muitos outros) e coube-lhe fazer, numa das sessões do Congresso, um longo e emocionado testemunho – enquanto aluno para quem Mário Dionísio foi “o Professor” da sua vida, primeiro, e, depois, como amigo de casa.»



CONHECER OS ESCRITORES E A LITERATURA

O escritor galego Xosé Luís García visitou o Museu dos Escritores, em Dublin, e propõe a criação de uma instituição semelhante na Galiza. «Os autores que escribiron e posibilitaron o relato da vida e das circunstancias dos galegos en diversas épocas, son merecentes de reconstruír esa memoria que eles esclareceron e confirmaron facendo país. Para nós é vital conservar a memoria escrita, polo valor pedagóxico, didático e difusionista, non só nos arquivos e bibliotecas encontramos aos nosos escritores, temos o deber de coñecer aos autores en seus refuxios de contemplar á inmorredoiira Galiza deles. Non bastan as redes informáticas que dan noticia dos escritores, ou de outros medios



de divulgación. Un museo das característica do de Dublín significa ese contacto íntimo cos escritores, por medio de esculturas, cadros, libros e escoitar a resonancia da súa voz, cando faloron das prioridades e dos procesos temporais que lles tocou vivir e que eles mesmos interpretaron na súa escrita. Todos estes matices resultan necesarios para recompor o vital da escrita no que respecta ao herdo cultural e recoñecernos na identidade e idiosincrasia galega e, por suposto, no legado dos nosos escritores.» O texto vem publicado no *Sermos Galiza* e acaba por ser uma reflexão sobre a importância do conhecimento literário para a compreensão da identidade e a sua relação com o mundo (na Galiza como em qualquer parte): «Ese achegamento íntimo e necesario vese reflexado na comunión dos creadores coas diversas fases da historia de Irlanda, cando verificaron procesos históricos e circunstancias magoantes como a grande mortandade pola fame de 1845-1850, as emigracións, as loitas anticoloniais, de todo isto deron conta os poetas, os narradores, os dramaturgos, etc. Cada un deles ten o seu apousento neste memorial, con seus libros en vitrinas e coa fotografía de cada autor. Un percorrido polas tres plantas, que dura mais de dúas horas. Visitas guiadas ou individualizadas con audioguía.»



***A Imagem da Galiza
em Portugal*
Carlos Pazos-Justo
Através Editora**

**A DISTÂNCIA AQUI
TÃO PERTO**



A Através Editora, sediada na Galiza, tem construído o seu catálogo com uma assinalável presença de títulos onde as relações culturais, sociais e históricas entre a Galiza e Portugal são tema central. Depois de *A Imagem de Portugal na Galiza*, de Carlos Quiroga, publicam agora *A Imagem da Galiza em Portugal*, com o subtítulo *De João da Redondela a Os galegos são nossos irmãos*, um olhar especular que dá a ler o modo como fomos vendo esse povo do lado de lá do Minho em terras portuguesas.

As relações Portugal-Galiza são históricas, antigas e essenciais para a compreensão de alguns elementos culturais comuns, mas não são tão amplamente (re)conhecidas como a sua importância ditaria e também não se encontram – nunca se encontraram – isentas dos mal-entendidos, estereótipos e lugares-comuns que atravessam os encontros entre povos. Carlos Pazos-Justo parte do quadro teórico da imagiologia, assumindo-a com o propósito de «conhecer um discurso de representação e não o seu referente imediato» (pág.17), e ainda que o autor se socorra de termos e modelos bem codificados neste quadro, o livro assume-se desde o início como uma reflexão mais voltada para a divulgação e o apelo a um debate do que uma tese encerrada e assente numa leitura académica dos elementos e das suas relações. Na verdade, o arranque deste livro é situado num episódio biográfico vivido pelo autor em Braga, em 1999, quando teve de explicar à senhoria que lhe alugou a casa que não era espanhol, tendo

igualmente de enfrentar o desagrado desta pela ideia de ser galego. É a partir daqui que Pazos-Justo faz desfilar uma série de elementos históricos que documentam o modo como os galegos foram sendo vistos deste lado da fronteira, umas vezes sem se dissociarem de Espanha, outras como gente rude, com força

braçal e pouca honestidade, outras, ainda, como povo com o qual se estabelecem as mais profundas relações naturais, pelo menos no Norte de Portugal. Estereótipos, xenofobia, admiração, reconhecimento, tudo se mistura ao longo de séculos, sendo que os olhares não deixam de ser marcados por questões de classe, pela mundivisão de quem olha e pelo contexto. Se entre o final do século XIX e o Estado Novo muitos intelectuais portugueses mantinham com a Galiza uma relação estreita, com linhas de diálogo efetivo alimentadas por viagens regulares, correspondência e leituras partilhadas, a chegada do fascismo quase conseguirá colocar um ponto final nesse interesse, afastando contactos e apertando o cerco a ideias que eram, antes de mais, subversivas aos olhos de quem governava.

Há muito terminada a época em que os galegos eram, para muitos portugueses, vistos como os aguadeiros, os taberneiros ou os moços de recados de uma Lisboa que se queria cosmopolita sem saber como libertar-se do preconceito, o olhar que hoje podemos encontrar perante a Galiza continua a ser tão múltiplo como sempre foi, mas continua, sobretudo, a ser menos presente do que a proximidade geográfica e cultural deixaria adivinhar. De certo modo, livros como os que a Através Editora tem publicado podem ser contributos essenciais para se quebrar esse paradigma, aproximando em diálogo ativo o que já é naturalmente próximo.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR



O Plano Nacional de Leitura Fundamentos e Resultados

Isabel Alçada
Editorial Caminho

A primeira comissária do Plano Nacional de Leitura edita agora um estudo que levou a cabo no âmbito do seu Doutoramento em Ciências da Educação. Ali recupera a história desta década de vida do PNL, enquadrada por um conjunto de pressupostos teóricos sobre leitura e aprendizagem. Para além da explanação dos vários dispositivos e programas do PNL, Isabel Alçada conclui o estudo com algumas recomendações para a continuidade deste programa no futuro.



Uma cova é para escavar

Ruth Krauss
Maurice Sendak
Kalandraka

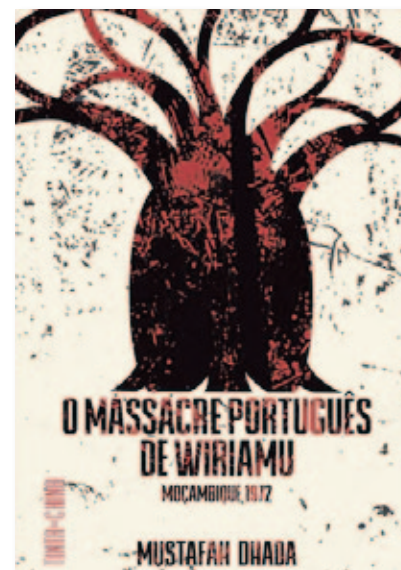
Nesta parceria que data do início da década de 50 do século passado, a escritora ensaia um livro de máximas que logo justifica no subtítulo «O livro das primeiras explicações». Para que serve o sol, o nariz, os cães ou os gatos, a areia, os tapetes ou as mãos são algumas das utilidades poéticas que resultam do comportamento infantil e oscila entre o naif e o nonsense. As crianças que Sendak ilustra com um traço clássico reiteram esse sentido do texto e abrem as explicações a inúmeras possibilidades.



***Deu-me o nome Liberdade, o avô
Agostinho da Silva***

Patrícia Martins
Tenório
Arquivo

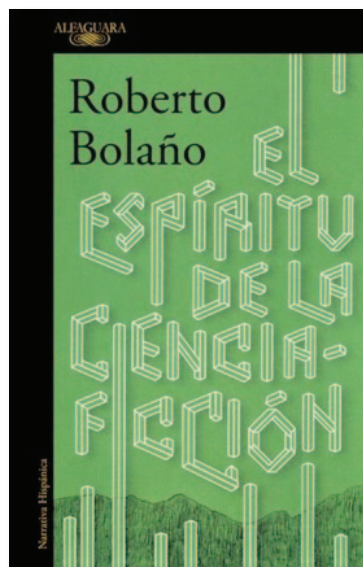
A Livraria Arquivo de Leiria editou recentemente esta narrativa laudatória sobre o filósofo Agostinho da Silva. Um gato animizado narra não apenas o momento em que conhece a figura mas toda a sua vida, destacando os valores humanistas de Agostinho da Silva. O tom é pedagógico e a rima nem sempre serve o ritmo do texto. O grafismo corrobora a intenção programática da mensagem, distinguindo com outras tipografias palavras paradigmáticas para definir uma moral que associa ao filósofo.



***O Massacre Português
de Wiriamu***

Mustafah Dhada
Tinta da China

Resultado de um intenso trabalho de investigação e de campo, este é um livro imprescindível sobre um dos mais sangrentos episódios da história colonial portuguesa, o massacre, em 1972, das aldeias do triângulo Wiriamu, em Moçambique. Nunca assumido abertamente pela narrativa histórica oficial, este episódio surge agora estudado com o detalhe que o silêncio de tantas décadas vinha exigindo.



El espíritu de la ciencia-ficción

Roberto Bolaño
Alfaguara

Um inédito de Roberto Bolaño veio agitar as águas editoriais de língua espanhola, e anuncia-se para breve a sua edição em português. Escrito em 1984 e aparentemente posto de lado pelo autor, este romance antecipa alguns temas e personagens que hão de marcar as obras posteriores de Bolaño, nomeadamente a reflexão sobre a literatura e a obsessão com os enredos onde um mistério, ou vários, exige resolução.



O Que Não É Teu Não É Teu

Helen Oyeyemi
Elsinore

Volume de contos de Helen Oyeyemi, autora que reparte as suas raízes pela Nigéria e por Inglaterra, *O Que Não É Teu Não É Teu* permite uma visita panorâmica pelo universo literário que tem vindo a conquistar leitores e críticos desde os primeiros anos da década. Escritos depois dos cinco romances que a tornaram conhecida, este livro integra nove contos e é atravessado pela imagem da chave como modo de aceder (e de perder, caminhos ou oportunidades).



Cinco Séculos à Mesa

Guida Cândia
Dom Quixote

Seguindo o percurso pelas muitas páginas da História da Alimentação, este livro visita cinco obras clássicas da gastronomia portuguesa de entre os séculos XV e XX e propõe cinquenta receitas a partir do que o passado nos ensina sobre a gastronomia, o modo de confeccionar os alimentos e os hábitos alimentares que continuam a mudar. As imagens confirmam o lugar-comum que afirma que os olhos também comem.



Orfeu da Conceição

Vinicius de Moraes
Companhia das Letras

Seis décadas depois da primeira edição brasileira, a peça de Vinicius de Moraes chega a Portugal, numa edição com a contextualização devida. Tragédia em versão carioca, esta peça cruza as festividades do Carnaval com o mito grego de Orfeu, criando uma nova mitologia para um elenco de atores negros que subiu ao palco do Teatro Municipal em 1956.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**



MART

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



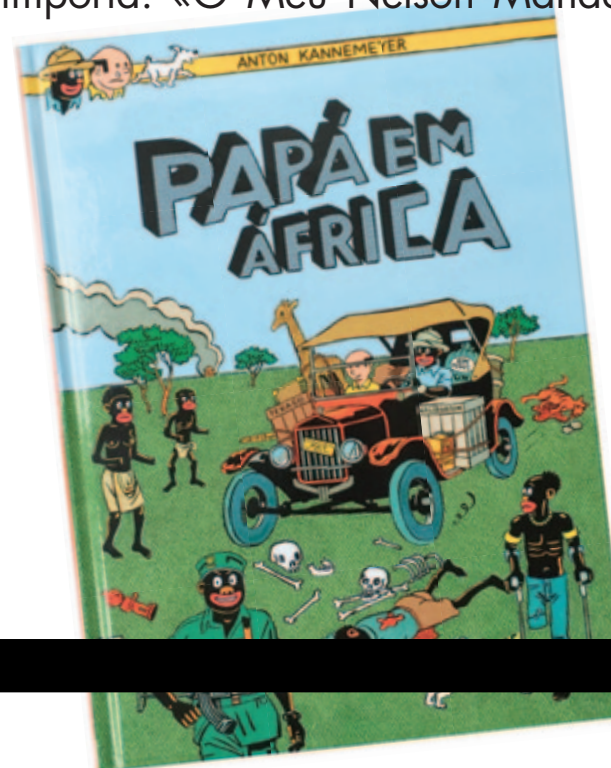
EGEAC

AS COLORES
SOMBRIAS
DA NACÃO
ARCO-ÍRIS

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

Anton Kannemeyer nasceu na África do Sul quando Nelson Mandela ainda estava preso, mesmo que nessa altura o futuro artista plástico e autor de banda desenhada não fizesse ideia de quem era Nelson Mandela. Parece impossível, mas aconteceu assim. Kannemeyer conheceu o Apartheid e, sendo branco, conheceu-o do lado de quem dominava, mas só mais tarde, quando começou a viajar, teve consciência disso. Melhor seria dizer que Kannemeyer reconheceu o Apartheid e que foi preciso sair do meio dele para o ver em toda a sua dimensão. O episódio pode ler-se no mais recente livro do autor publicado em português, *O Meu Nelson Mandela e Outros Contos* (Mmmnnnrrrg). O título da história importa: «O Meu Nelson Mandela – Breve



AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

história política de um sul-africano branco». Nela, um jovem Kannemeyer deixa a África do Sul e rumo à Alemanha para viver com a sua mãe. O ano era o de 1985 e toda a viagem é marcada por momentos que contribuirão para que o autor-personagem vá ganhando consciência do modo como a Europa vê a África do Sul. Num festival de música em Dortmund, rodeado de amigos e conhecidos, Kannemeyer vê um cartaz com o rosto de Nelson Mandela onde se apelava à sua libertação e à da África do Sul e a pergunta **«Quem é Nelson Mandela?»** surge naturalmente da sua boca. É esse o percurso de Anton Kannemeyer.

Como se pode viver em pleno apartheid e não saber? A pergunta pode ter inquietado os visitantes da exposição retrospectiva que o festival internacional Amadora BD lhe dedicou recentemente, mas tem inquietado muito mais o próprio autor. Em conversa com a *Blimunda*, num dos intervalos das atividades do Amadora BD, e também durante a visita guiada que fez à sua exposição, Anton Kannemeyer explicou o inexplicável, sempre com uma consciência aguda dos efeitos de um regime que se saiu muito bem no ocultar da sua repressão e de uma alienação que era cultivada por esse regime, mas vivida sem inquietações de maior por muita gente: **«A censura no tempo do Apartheid era uma coisa real e pesada. Recentemente, fiz uma palestra para estudantes na Universidade de Joanesburgo e vários estudantes perguntaram-me como era possível não saber quem era Nelson Mandela. Se não crescemos com a censura, não sabemos bem como é, mas o seu impacto é**

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS



AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

tremendo. O sistema político da África do Sul era muito eficiente nesse campo e conseguiu realmente controlar a informação que chegava às pessoas. Eu estava no liceu quando ouvi falar destas coisas pela primeira vez, mas eram coisas que chegavam em pedaços de informação desgarrada, sem grande nexos. Só quando saí da África do Sul é que as coisas fizeram sentido e consegui perceber o que se passava no meu país.»

Adquirida a consciência, à boleia de uma culpa difícil de digerir, mesmo quando não houve participação em nenhum ato repressivo, Kannemeyer foi dedicando parte do seu trabalho artístico à reflexão política e, sobretudo, ao debate em torno do país onde nasceu. ***«Estes dois livros centram-se no meu trabalho mais político, mas tenho feito vários outros trabalhos. Quando comecei a fazer banda desenhada, foi muito óbvio para mim que queria trabalhar de um ponto de vista político, refletindo sobre a realidade sul-africana da época.»*** Um dos livros é o já citado *O Meu Nelson Mandela e Outros Contos*, o outro é *Papá em África*, igualmente publicado pela Mmmnnrrrg, em 2014, e distinguido com o prémio de Melhor Álbum Estrangeiro na edição do Amadora BD de há um ano. Neste primeiro volume que pudemos ler em português, a sátira aos livros de Tintin, particularmente a *Tintin no Congo*, é óbvia e começa logo na capa. Reunindo histórias originalmente publicadas na revista *Bittercomix*, fundada por Kannemeyer e Conrad Botes em 1992, *Papá em África* é um abanão

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

constante nas consciências supostamente sossegadas relativamente ao passado da África do Sul, bem como ao seu presente, bem como ao estado de um mundo onde as relações de poder baseadas na ideia de raça continuam a trilhar o seu caminho – e a deixar um rasto de ódio, violência e destruição atrás de si. Mimetizando a linha clara de Hergé, o autor acrescenta a cada narrativa uma brutalidade muito mais eficaz do que qualquer traço realista permitiria e propõe visões nunca brandas sobre a suposta paz alcançada pela «nação arco-íris». Tintin é o desencadeador dessas visões, num trabalho onde sátira, pastiche e literalidade marcam cada prancha. **«Cresci com o Tintin, mas não com o Tintin no Congo, que não estava traduzido em inglês nessa altura, por decisão do próprio Hergé. Isso só aconteceu no início do século XXI e o livro saiu com um aviso que considero muito ofensivo, explicando que naquela altura as pessoas não sabiam muitas coisas e não tinham noção, etc, etc. Ora, logo nos anos 30, Hergé foi criticado pelos estereótipos que reproduziu, o que é muito interessante. Curiosamente, quando desenha O Lótus Azul, os estereótipos associados aos chineses já são muito esbatidos, o que talvez queira dizer que aprendeu alguma coisa com as críticas. De qualquer modo, sou um grande admirador do trabalho de Hergé. Voltando ao Tintin no Congo, um dos seus grandes problemas é não ser um livro para adultos, mas para crianças. Se fosse para adultos, e se houvesse alguma ironia envolvida, talvez pudesse ser um documen-**

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

N de NAÇÃO ARCO-ÍRIS



NELSON MANDELA

"Nós entrá-
mos num pacto em
que iremos construir
uma Sociedade em que
todos os sul-Africanos,
Negros e brancos, serão
capazes de andar de
cabeça erguida,
Sem medo nos seus
corações, assegurados pelo
Seu direito inalienável à
dignidade Humana - uma
Nação Arco-Íris em Paz
consigo própria
e com o
Mundo"

"Não há
Negro num
Arco-Íris."



EUGENE TERRE'BLANCHE

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

to importante... Na verdade, creio que o é, por outros motivos, e não acredito em livros banidos.»

A história que abre *Papá em África*, acompanhando uma família negra que regressa dos Estados Unidos e se instala na vizinhança de uma família branca, é inspirada numa história contada por um amigo do autor. Nela, as crianças das duas famílias brincam juntas e trocam livros, até ao momento em que o miúdo negro leva uma série de livros de Tintin para casa, entre eles o *Tintin no Congo*, e regressa pouco depois para o devolver ao miúdo branco, dizendo que o seu pai lhe disse que era um livro racista e que não queria que ele o lesse. Nas vinhetas finais dessa história curta, o amigo de Kannemeyer conta-lhe o episódio e diz-lhe que acredita serem precisamente aqueles os livros que o miúdo deve ler. Nessa visão ganha sentido parte do trabalho de Anton Kannemeyer em banda desenhada, um trabalho que não foge ao confronto (antes o procura), mesmo que pagando o preço de desafiar antes de tudo a consciência em desassossego do próprio autor.

Percorrendo a exposição do Amadora BD, Anton Kannemeyer para em frente de dois quadros que pertencem a um *Abecedário* criado pelo autor depois de se confrontar com definições dicionarísticas marcadas pelo racismo e por uma visão paternalista do outro. Os quadros integram *Papá em África* e mostram um rosto negro e um rosto branco, cada um com a sua definição. O rosto negro reproduz a imagem do Golliwog, a personagem que povoou livros infantis desde

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

finais do século XIX e onde todos os estereótipos xenófobos associados aos negros se reproduziam. O rosto branco é o de um homem sorridente, careca, lembrando a linha clara de Tintin e de alguns dos personagens que o acompanham. **«É muito óbvio, claro. Estas são definições copiadas de um dicionário, e dizem que a cor negra é sinónimo de uma série de coisas negativas, como escuro, sujo, etc, e a cor branca significa apenas coisas positivas, da frescura à pureza, e gosto sobretudo da que diz que é 'livre de culpa'. O modo como comecei a trabalhar abertamente a questão do racismo no meu trabalho foi com a utilização da figura do Golliwog, de modo a ser imediatamente reconhecível. O problema da sátira é este: quando fazemos um comentário sobre algo que achamos ofensivo, também perpetuamos essa ofensa. Ao usar o Golliwog, é isso que acontece... Algumas pessoas ficam profundamente ofendidas com esta imagem e não passam ao segundo nível de leitura, aquele que realmente define o trabalho.»**

Para além de obras dispersas de banda desenhada e de algumas imagens de grande formato, a exposição de Anton Kannemeyer na Amadora integrou igualmente vários sketchbooks onde podiam ver-se páginas cruzando texto e pequenas imagens. Durante a visita guiada, o autor explicou a importância destes cadernos no seu percurso: **«Comecei a fazer sketchbooks com catorze anos, um pouco por causa de um professor de inglês do liceu que nos**

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

disse que toda a gente devia ter um diário. Foi assim que comecei. E quer se seja um artista ou não, creio que é uma boa prática, porque mantém-nos atentos. Se escrevemos com muita frequência, é fácil escrever. Ora, quando eu era miúdo, já queria estudar artes plásticas, mas cresci com um pai impossível que me obrigou a provar-lhe que eu queria mesmo fazer isso. Sem saber muito bem como fazer isso, comecei a desenhar em diferentes suportes, a toda a hora, e acabei por poder estudar artes...»

Em 1992, cria a revista *Bittercomix* com Conrad Botes e começa a publicar bandas desenhadas, muitas vezes como pseudónimo de Joe Dog. Na época, não havia um espaço dedicado à banda desenhada na África do Sul, muito menos qualquer tipo de cena editorial, comercial ou underground, que pudesse enquadrar uma revista como a *Bittercomix* e o seu impacto acabou por superar quaisquer expectativas iniciais dos editores, dentro e fora do país. ***«Nos anos 90, o MoMa, de Nova Iorque, comprou uma coleção de BitterComix, e nós acabámos por oferecer-lhes o resto dos números, que passaram a estar guardados no seu arquivo. Depois disso, muitas instituições norte-americanas e europeias começaram a interessar-se pela revista. O resultado é que, hoje, um primeiro número da Bitter Comix pode valer entre 900 e 1000 euros, o que é de loucos, sobretudo quando pensamos que na altura custaria uns doze cêntimos. De qualquer modo, decidimos***

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS



AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

propositadamente não voltar a imprimir os três primeiros números, contrariando um pouco o sentimento de inferioridade artística alimentado em alguns meios da banda desenhada, e não nos arrependemos.»

A consagração artística veio pouco depois e Anton Kannemeyer rescindiu o seu contrato na Universidade onde lecionava e tornou-se um artista a tempo inteiro, trabalhando com a galeria que o representa na África do Sul e com uma outra, nos Estados Unidos da América. ***«Foi bom, porque passei a poder viver da arte que faço, mas também deixei de ter tempo para fazer tanta banda desenhada, porque não é isso que as galerias querem expor. De certo modo, foi por isso que comecei a utilizar partes das minhas bandas desenhadas em versões de grande formato, passíveis de serem mostradas numa parede.»*** Apesar disso, a banda desenhada continua a ser parte importante do seu trabalho e não há como desligá-la de um *continuum* que insiste na denúncia do racismo, na reflexão sobre as relações de poder, a tranquilização das consciências através de uma hipocrisia vestida de paz social, o desafio ao pensamento sem as baías do que pode ou não dizer-se. Talvez um certo sentimento de culpa pelo desconhecimento do tanto que se passava à sua volta sem que o tivesse percebido tenha sido o motor deste trabalho que passámos a poder ler em português com a publicação de dois livros de Anton Kannemeyer. Diz o autor: ***«Quando eu era miúdo, talvez entre 1984, 1985, havia uma senhora negra que trabalhava em nossa casa e foi***

AS CORES SOMBRIAS DA NAÇÃO ARCO-ÍRIS

ela que me contou algumas histórias que depois utilizei no meu trabalho. Muitas delas vinham da irmã, que trabalhava numa esquadra de polícia, e falavam de choques elétricos aplicados pela polícia aos negros, bem como de outras formas de tortura. Pude desenhar tudo com muito detalhe porque ela mo explicou e a verdade é que, anos depois dessas conversas, toda esta informação foi tornada pública. Nessa altura, muitas pessoas não sabiam. Lembro-me de ir para a escola e contar aos meus amigos e de a reação deles ser a de dizerem que essa senhora estaria a inventar tudo. E lembro-me de um amigo que era uma espécie de mentor para mim, um tipo de esquerda, opositor do Partido Nacionalista, que também não acreditou. De um certo modo, nada disto serve de desculpa para o que não vimos, mas a censura tem este efeito. Mais tarde, tudo isto se tornou conhecido. Foi por isso que terminei esta banda desenhada comentando que a tolerância mostrada pelos negros sul-africanos relativamente aos brancos me parece extraordinária, mas, de certo modo, creio que a revolução sul-africana ainda está por acontecer. Não sei...» O que quer que venha a acontecer, contaremos com Anton Kannemeyer para o acompanhar, desta vez conhecendo a realidade no momento em que ela se vai desenrolando.

A C A S A

DA

A N D R É A

ANDRÉA ZAMORANO

REVELAÇÃO

Não houve sirenes, não houve helicópteros, nem botas militares a marcharem uníssonas. Não houve pessoas correndo desnorteadas em todas as direções. Nem mães a esconderem os seus filhos nas caves dos prédios pois não caíram bombas do céu. Também não houve congestionamentos monstruosos com filas intermináveis, carros parados e motoristas impacientes abrindo as portas das viaturas à procura de respostas por estarem bloqueados no trânsito. Não, as cidades também não estiveram em chamas. Sequer houve um dilúvio, muito menos um terremoto. Nenhum cataclismo natural assolou a Terra. Da mesma forma, os seres de outro planeta também não decidiram invadir a nossa estância. Assim como, nenhum agente patogénico se multiplicou causando uma infeção pandémica. Não houve nenhuma bactéria, nenhum vírus, nenhum fungo e muito menos um protozoário a trazer doenças de nomes impronunciáveis. Nenhum laboratório foi acusado de fabricar uma pestilência para em seguida vender a sua cura em doses somiticarias. Os bromatologistas, de modo similar, também não foram convocados para procurar o que quer que fosse nos alimentos. Nenhum avião chocou deliberadamente contra um pré-

dio de cento e cinquenta andares. Nenhuma seita colocou gás letal no sistema de ar condicionado do metropolitano, nem nenhum homofóbico ou terrorista entrou atirando numa discoteca abarrotada. Ademais, as ondas do mar não tremeram quando Leviatã saiu das suas águas. Tem razão. Leviatã também não apareceu, assim como não foram ouvidas as trombetas do arcanjo Gabriel e nem as Kardashians cancelaram um único episódio do seu *reality-show* diário. A internet também não deixou de funcionar.

Na manhã após a apuração das eleições, tudo o que deveria ter anunciado o início da calamidade não correspondeu às minhas expectativas hollywoodianas para o Armagedão. O sol nasceu como sempre apesar de eu ter acordado com a estranha certeza de que o fim do mundo estava começando, mas que guardava para si a intenção de não assustar os incautos. Olhei ao meu redor, depois pela janela, tudo permanecia ainda em seu lugar. Fui até à cozinha, aqueci um pão murcho que encontrei perdido dentro de um saco plástico no armário, liguei a máquina de café e fiquei ali, incrédulo, encostado na bancada a olhar para o telefone enquanto o pão estava na torradeira. As notícias se sucediam. À medida que as lia, ia fazendo comentários, retweetava as mais pertinentes e dedicava tempo em busca da imagem perfeita para dar sentido a um post no Instagram. Bradava a minha estupefação contra o bando de ig-

A CASA DA ANDRÉA



norantes, verdadeiros responsáveis pelo revés. Enjeitava os que não fossem capazes de condenar o culto barbarizante de uma personalidade. «A realidade tornara-se tão inverosímil que somos personagens de uma série apocalíptica da Fox», publiquei no Facebook pela dez da manhã. Era imperativo travar a tirania dos que se deslocavam numa massa amorfa em busca de um messias. O “grande pai” provedor da lei, da ordem, dos caprichos e excessos da burguesia classe média onde também eu, sem embaraços, me inscrevia mas que sinto a obrigação de repudiar.

«NÃO ME REPRESENTA!» Depois do almoço, as democráticas palavrões de ordem começavam a surgir pelas mãos de manifestantes, agora empunhando cartazes. Arrebatados pela estrondosa derrota, vociferavam o inconformismo exercendo o seu direito de protestar nas ruas. Conservadores, retrógrados, nazistas, gritavam para todos os que estivessem do lado de lá. As pessoas se apaixonam pelas causas, ficam cegas. Você sabe como é. Havia gritos, choros e muita revolta. Toda aquela exasperação me assustava. Comecei a acreditar que os protestos, de alguma forma, mimetizavam o que criticávamos nos desinformados. Juntaram-se ao grupo os que incendiavam caixotes do lixo; apedrejavam os múpis das paragens de autocarro com o mais novo

anúncio do Tide – o poder da limpeza – e destruíam a propriedade pública e privada. Por fim, a realidade igualava-se à ficção e não o seu contrário. Pelo meio de tanta indignação, de vez em quando, a culpa vinha. Discreta mas persistente. Foi assim que se instalou, sem alardes. No início, era uma moinha fraca, uma dorzinha de cabeça suave que eu poderia arriscar ignorar e esperar que desaparecesse enquanto ouvia as palavras da militância. Aos poucos, a dor e a culpa foram aumentando de intensidade. Fechei a janela do *Live Stream* do Youtube.

Na Netflix, já estava disponível um documentário sobre o presidente recém-eleito. Enquanto assisto, assino mais uma petição online para que se convoque novas eleições. São precisas ações efetivas que impeçam a sua chegada ao poder. Desta vez, combinei com o meu grupo do Whatsapp, não faltaríamos. Iríamos mesmo até ao fim. Só é pena termos de nos deslocar até às mesas de voto. #votoonlinejá

O LAGARTO

Um livro que une as palavras de **JOSÉ SARAMAGO**
e as xilogravuras de J. BORGES

Uma nova leitura
da crónica com
o mesmo título
escrita por
JOSÉ SARAMAGO
em 1972.



GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO o
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACÇÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

♥
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



20 ANOS DE

ANDREIA BRITES

BIBLIOTECAS

UMA REDE DE MISSÕES

ESCOLARES

Chegando ao secretariado do Fórum 20 anos RBE, logo se presente uma certa agitação. Uma professora manifesta o seu desagrado por não conseguir assistir à conferência do diretor da Biblioteca de Alexandria no auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian por estar lotado. Alguém da equipa do secretariado, uma colega, tenta explicar que as inscrições não garantiam um lugar na sala e sim acesso ao Fórum. A professora rumou ao auditório 3, um pouco a contragosto, onde visionou a conferência em direto, tal como aconteceu a todos os outros assistentes que apenas encontraram lugar numa das salas de congressos e no átrio. A data é redonda e a equipa coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares decidiu comemorá-la precisamente em outubro, no mês que lhes é internacionalmente dedicado. A Lisboa rumaram professores bibliotecários de todo o país para assistirem a um programa diversificado e mediático, mas sobretudo para participarem numa festa que também era a sua.

No primeiro painel da manhã, «Lançar a Rede», Isabel Alçada justificou o sucesso das duas décadas de existência da Rede de Bibliotecas Escolares pela sua horizontalidade e adaptabilidade. A atual assessora da Presidência da República fez parte da equipa fundadora da Rede e recordou na sessão quais as principais diretrizes para o seu funcionamento, em parte inspiradas no modelo da Rede de Bibliotecas Públicas, lançada dez anos antes: «não haver um modelo prescritivo e formatado, ir ver modelos e partilhar com os agentes no terreno e aceitar ideias e valores subjetivos que dependem da identidade de cada espaço e de cada bibliotecário.» Em duas décadas, a biblioteca escolar é uma realidade em todas as escolas públicas do ensino secundário, dos 2.º e 3.º ciclos, e em mais de 90% das escolas de 1.º ciclo. Isto significa que uma esmagadora maioria dos alunos que frequenta o ensino público em Portugal, vive em centros urbanos ou em concelhos rurais, tem acesso à leitura e ao conhecimento, seja ele através de plataformas físicas ou digitais, literárias ou científicas, informativas ou artísticas. Uma das peças chave desta rede foram e continuam a ser as chamadas andorinhas, termo que a ex-coordenadora da Rede, Teresa Calçada, repetidamente evoca destacando a sua carga afetiva. As andorinhas são professoras ou professo-



Professores de todo o mundo: sejam provocadores porque é disso que os vossos alunos precisam!

res bibliotecários com a responsabilidade de coordenar um conjunto de bibliotecas escolares de vários concelhos. A sua função é essencial para o diálogo entre o gabinete central e o terreno, assim como entre os vários professores bibliotecários de geografias distintas.

Por isso são andorinhas, e têm uma formação especializada, quer ao nível da gestão dos equipamentos como dos recursos humanos, ainda da programação e apoio técnico. São elas quem verifica, por exemplo, se as escolas do 1.º ciclo garantem que os seus alunos frequentam a biblioteca, mesmo quando o professor bibliotecário não está, seja acompanhados pelo professor titular da turma para pesquisar ou fazer a requisição domiciliária, seja em tempo de pausa, acompanhados por uma auxiliar de educação.

Guilherme de Oliveira Martins, outro dos elementos fundadores da RBE que participou no painel foi o motor da ideia que nasceu quando era Secretário de estado da educação e, ao visitar uma escola, verificou que ali não havia biblioteca digna desse nome. Como sobrevive a escola sem uma biblioteca? Guilherme de Oliveira Martins não abdica de um princípio: «Conceber a biblioteca como coração da escola.» Assim se cria uma equipa

que apresenta o programa ao então ministro da educação, Marçal Grilo, também na mesa, e se avança com a sua constituição.

Em primeiro lugar, o Gabinete estabelece um conjunto de requisitos físicos e humanos para que cada biblioteca escolar possa integrar a rede. Depois, as escolas apresentam candidaturas e, se estas forem aprovadas, o coordenador interconcelhio trabalha no terreno com o professor bibliotecário, o diretor da escola e do agrupamento, desejavelmente com a biblioteca municipal para que o espaço seja bem equipado, seja adquirido fundo de qualidade e diversificado, se proceda à sua catalogação e que a equipa da biblioteca, não apenas o professor bibliotecário mas também outros professores, auxiliares e direção, estejam sensibilizados para a utilização adequada e continuada do espaço como centro de desenvolvimento cognitivo e emocional da comunidade escolar. Para legitimar o trabalho do professor que se dedicava à biblioteca, legislou-se criando na carreira docente o estatuto do professor bibliotecário. Este é o responsável por todas as bibliotecas do agrupamento de escolas onde trabalha, assegura a sua programação, tem assento nas reuniões do conselho pedagógico e pode ter

uma equipa variável em número de pessoas e número de horas, para colaborar na biblioteca.

No dia 14 de outubro, falava-se em cerca de 800 pessoas inscritas, na sua maioria professores bibliotecários. O seu comportamento pouco tinha a ver com o que preside a conferências, colóquios e congressos, onde impera uma formalidade implícita. Nos intervalos havia ruído de sobra e exclamações entusiastas motivadas por encontros e reencontros. Durante as conferências as pessoas trocavam ideias, entre as práticas que já aplicavam e outras que lhes suscitavam dúvidas ou curiosidade. Não era preciso um grande sentido de observação para perceber, nas expressões faciais de muitos dos presentes, uma interação com os discursos. O Fórum 20 Anos RBE fora pensado para aquelas pessoas, e elas estavam ali, legitimamente, a comemorar.

No final do primeiro painel, as portas do auditório 2 abriram-se para deixar entrar muitas andorinhas e outros elementos da equipa da Rede de Bibliotecas Escolares que, por não haver espaço ou por estarem ocupadas com a organização do próprio fórum, não podiam estar ali. Era o momento simbólico que ninguém queria perder.



***A constante visuali-
zação de imagens e a
fragmentação da infor-
mação que chega ao
utilizador digital limi-
tam a sua capacidade
de abstração.***

A homenagem a Teresa Calçada, coordenadora da Rede desde o primeiro dia até finais de 2013 fazia-se por todos, e todos queriam poder afirmá-lo. A salva de palmas foi longa e emocionada, aqui e ali via-se uma lágrima a escorrer. Confirmavam-se as palavras de Isabel Alçada: a rede fora conseguida, e tem sido efetivamente horizontal.

Deixo um apelo e um TPC para todos os professores do mundo: sejam provocadores porque é disso que os vossos alunos precisam!». Mariana, ex-aluna da Escola Secundária de Leal da Câmara, em Rio de Mouro, é uma das alunas que partilha o palco com Ricardo Araújo Pereira numa conversa sobre experiências leitoras e as bibliotecas escolares. Agora que acabou o 12.º ano, recorda a relevância de uma professora de literatura que mudou a sua perspetiva sobre a vida e tudo o que quer alcançar. Não se trata apenas de acesso, mas de implicação crítica. É em torno do acesso que se jogam hoje as cartas decisivas sobre o papel do bibliotecário. Aqui se tocaram as comunicações de Ismail Serageldin e Daniel Innerarity. No final do dia, na apresentação do seu livro *Biblioteca à Noite*, Alberto Manguel trouxe mais achas para esta fogueira.

Na conferência inaugural, Ismail Serageldin, diretor da Biblioteca de Alexandria, apresentou de forma sistematizada a evolução da produção e armazenamento de informação no espaço virtual. Dos 256 exabytes de informação acumulada em 2007 estima-se que até 2020 se passe para uma produção de cerca de 2,3 zettabytes por ano o que redundará numa estrondosa explosão de conhecimento. O que fazer com todos esses dados, em grande parte acessíveis globalmente? É igualmente expectável que o número de equipamentos seja 3 vezes superior ao da população mundial em 2020, o que é avassalador, se considerarmos que o acesso não é de todo equilibrado por parte das diversas geografias humanas do globo. A conectividade entre aparelhos tem vindo a tornar-se cada vez mais imediata e os comportamentos dos utilizadores denunciam já um decréscimo de preferência pela utilização dos PCs e da televisão em detrimento dos smartphones e dos tablets. Como sistematizar esta informação em constante atualização que versa todos os tempos e todas as pessoas, envolvendo-as na sua própria produção? Ismail Serageldin dá um exemplo da validade de aceder digitalmente à história a propósito dos Estados Unidos da América: a informação sistematizada permitiu aos linguistas aferir que antes da Guerra da Secessão, os americanos usavam

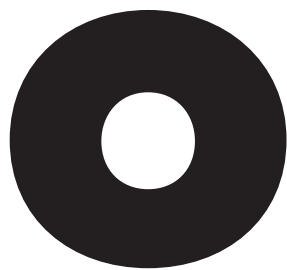
o plural quando se referiam aos Estados Unidos e depois passaram a usar o singular (The US are... passou a ser dito e registado the US is), o que indica uma alteração ideológica assinalável. O alcance desta nova era digital é quase incomensurável em possibilidades. Mas acarreta novas abordagens e riscos que é urgente diagnosticar para prontamente responder.

Enquanto os websites continuam vivos graças a novas dinâmicas de armazenamento e disponibilização de novas informações, os livros continuam fechados na sua fisicalidade. A acrescer a esta condição de imutabilidade há o sobejamente conhecido processo de leitura que implica uma capacidade de abstração para ler um código em três níveis, segundo enumera o diretor da Biblioteca de Alexandria: «O texto é uma tripla abstração: letra, palavra e frase.» Não é novidade que a constante visualização de imagens e a fragmentação da informação que chega ao utilizador digital limitam a sua capacidade de abstração. Como poderá ele então escolher de entre toda a informação aquela que efetivamente lhe interessa? Como poderá ele refletir e formar um pensamento crítico? Como poderá ele sistematizá-la? Ismail Serageldin é perentório quando afirma que a educação,



***É chegada a hora de
o bibliotecário se rein-
ventar de novo. Quan-
do destaca, recomenda
ou seleciona, o biblio-
tecário protege os utili-
zadores da inesgotável
quantidade.***

a investigação, as bibliotecas e os arquivos têm de mudar. «Antes tínhamos sede e não havia água suficiente para beber. Hoje há demasiada água e continuamos sem conseguir beber.» E para clarificar o seu ponto de vista, compara os bibliotecários e os assistentes das lojas da Apple. Para além da tecnologia em si, o que têm estes espaços e estas pessoas de especial para fazerem com que o público se sinta tão confortável ali? Por um lado um espaço acolhedor que preza a experimentação e a autonomia, por outro alguém cujo domínio dos equipamentos é crucial para a escolha.



O assistente é o mediador, o facilitador entre o potencial comprador e o produto. Uma biblioteca e a sua equipa devem ser assim: num espaço criativo que albergue áreas desarrumadas de clara exploração, áreas para estudar em grupo, locais reservados e calmos para pesquisar e ainda uma área comunitária, onde a comunidade se revê enquanto grupo, onde podem exhibir-se exposições, por exemplo. Assim funciona a imensa Biblioteca de Alexandria, com bibliotecas diversas no seu interior, museus de ciência e arte, património, auditórios para concertos e uma arquitetura de excelência. Fica junto à Universidade, otimizando público e uma função partilhada de investigação. É um

símbolo da História, do património, da memória. Quando a oposição ao regime se manifestou, por vezes com violência, na primavera Árabe, a Biblioteca foi poupada e protegida pelos próprios manifestantes. Serageldin conta que depois dessa manifestação a escadaria frontal foi palco de outros ajuntamentos, mas sempre em defesa dos direitos humanos e das liberdades elementares, entre as quais o direito ao conhecimento.

Para isso, no entanto, é preciso que as pessoas reconheçam a função, o papel, o lugar que a biblioteca ocupa. Esse é o primeiro desafio do bibliotecário: levar público à biblioteca. Mais tarde, Alberto Manguel começava a sua conversa com Gonçalo M. Tavares partilhando um episódio. Um dia fora com o neto a um centro de jogos virtuais e não sabia como se comportar. Devia mexer nos dispositivos, para onde devia olhar, o que devia procurar, o que lhe poderia interessar? E logo traçava o paralelo com alguém que nunca tenha entrado numa biblioteca. De nada serve a informação, a tecnologia, o acesso se o potencial utilizador não sabe se o quer usar, nem para quê, nem como. O filósofo espanhol Daniel Innerarity já tinha também levantado a questão na sua conferência: «Para que

serve a profissão de bibliotecário hoje? Como podemos ser necessários nestas novas circunstâncias?» Imediatamente apela à audiência para que se recorde da imagem do bibliotecário no cinema e na literatura. O estereótipo rapidamente se aviva: solitário, de óculos e aparência não muito simpática, uma memória muitas vezes prodigiosa e uma obsessão pela ordem que o aproximava do louco. Igualmente, a biblioteca era apresentada como um lugar aborrecido, formal, cujo silêncio pesava quase tanto como o mobiliário. Quando a assistência parece render-se à imagem como inevitável, Innerarity acrescenta que todavia esta imagem mudou nos últimos vinte ou trinta anos.

Hoje a biblioteca já é um lugar trepidante, onde se acorre em busca de informação fulcral para resolver um mistério, onde se desenrola um encontro romântico ou ainda onde se mata alguém. Essa mudança de paradigma não é mais do que um resultado dos tempos: os bibliotecários sempre se adaptaram. O diretor do Centro de Investigação Globernance chama a atenção para a história e para monges e soldados, entre outros, que também foram bibliotecários.



A biblioteca tem um capital humano insubstituível: o dos valores. Os valores não mudam à velocidade da inovação tecnológica.

É chegada a hora de o bibliotecário se reinventar de novo. Se a figura monótona e cinzenta do estereótipo do século XX barrava o entusiasmo ao leitor quando lhe dificultava o acesso livre ao fundo disponível, a nova figura dinâmica tem agora o poder de restringir o excesso de acessibilidade e proteger os utilizadores da inesgotável quantidade. Quando destaca, recomenda ou seleciona, o bibliotecário reduz a complexidade daquilo a que se acede. Por seu turno, o diretor da Biblioteca Nacional Argentina considera que esse poder detido pelo bibliotecário é, em última análise, um poder que condiciona o outro, é um poder censório. Efetivamente, quando o bibliotecário escolhe já está a dar a conhecer um produto que eleger em detrimento de outro. É uma linha ténue a que separa o conhecimento e acompanhamento do público de uma ativa implicação que condiciona o acesso. Em que ficamos? Na relação de proximidade e influência dos bibliotecários na formação dos alunos que na biblioteca encontraram clubes de leitura, saraus, apresentações de livros, concursos, partilhas entre alunos, aulas abertas ou sessões de cinema, como recordam os alunos no painel da tarde. Não se trata apenas de aceder mas também de experimentar, de se comprometer.

Voltamos à conferência inaugural. Essa é então a missão da biblioteca neste vórtice constante de mudança: seja na escola, no município ou no país, a biblioteca tem um capital humano insubstituível: o dos valores. Os valores não mudam à velocidade da inovação tecnológica. Pelo contrário, são eles o pilar para poder ler a mudança e os bibliotecários são os seus guardiões. O seu papel fundamental é o de associar a informação aos valores e transformá-los, juntos, em sabedoria. Numa relação estreita com o conhecimento e com o público.

Ilustrações de alunos da escola Preparatória Francisco Arruda, em Lisboa, publicadas em livros da Colecção Carrocel, editora de Lília da Fonseca e Calvet de Magalhães

AND THE WINNER IS...

ALMA 2017

Já são conhecidos os nomes de escritores, ilustradores, narradores orais e promotores da leitura candidatos ao Prémio ALMA de 2017, que será anunciado como sempre em Vimmerby, terra natal de Astrid Lindgren, na Suécia, numa transmissão em direto para a Feira de Bolonha. André Letria, ilustrador e editor da Pato Lógico, estreia-se

entre os nomeados portugueses, e faz-se acompanhar da escritora Maria Teresa Maia Gonzalez. Da lista constam 226 candidatos de 60 países por todo o mundo. A Biblioteca de Lampedusa, Tomi Ungerer, Marjane Satrapi, Maria Teresa Andruetto, Roger Mello ou Neil Gaiman são apenas alguns de uma seleção de excelência.





VISITA
GUIADA
ANDREIA
BRITES

VISITA GUIADA: PLANETA TANGERINA

Quando entramos na vivenda parcialmente ocupada pelo Planeta Tangerina

sente-se um burburinho de vozes e passos na escada. Acabamos de passar pelo armazém, cheio de paletes de livros empilhados que desenharam, pela sua disposição, os caminhos de passagem. Isabel Minhós Martins fala ao telefone e Bernardo Carvalho desce as escadas para sair. A editora e escritora apressa-se a declarar que aquele não é o ambiente normal que o visitante costuma encontrar. Pelo contrário, as pessoas chegam até a ficar um pouco intimidadas com o silêncio. Isabel sorri e afirma que assim é que tem de ser. Na sala da entrada, no 2.º andar, partilham o espaço a ilustradora Yara Kono, Cristina Lopes que é a responsável comercial pela distribuição e dá apoio de secretariado, João Gomes de Abreu que trata da gestão e Joana Pardal, designer. Já falta espaço. Era preciso mais uma sala, mas o vizinho de baixo não a quer alugar. Dos ilustradores, Yara é a única que não tem um espaço para si, e tal deve-se ao facto de ser aquela, de entre os três, que mais trabalha com digital. Inversamente, Madalena espalha pela secretária em frente à sua e pelos móveis da sala as experiências que faz a cada novo projeto. Agora é stencil. Já houve recortes e colagens, de que ainda subsistem alguns vestígios nas paredes. Um recorda-nos a longevidade editorial do Planeta, quando reconhecemos uma ilustração de *O Meu Vizinho é um cão*. Madalena tem ao seu redor uma espécie de mural de histórias, desde fotos de família a um calendário oferecido pelo irmão de Yara e que parou no tempo e numa máxima que a ilustradora elegeu, pela sua ironia: «Ser rico é ser honesto.» Há posters de exposições, de ilustradores amigos de outras geografias, memórias de viagens, profissionais e pessoais. Desenhos de crianças. Na sala que partilha com Raquel Mestre, que trata da venda de direitos, Isabel escolhe fotografias de férias para o seu placard, que contrastam com as inevitáveis notas de planificação. De Seia

VISITA GUIADA: PLANETA TANGERINA

trouxe o desenho de um pastor com uma ovelha, que um menino de uma escola local lhe ofereceu. «Foi por causa do *Ovelhinha dá-me lâ*. O pai dele era pastor e o menino disse que também queria ser pastor quando fosse crescido. Os outros gozaram um bocado mas ele não quis saber. E eu achei muito bem.»

No sótão fica o mundo encantado de Bernardo. Consta que é muito desarrumado e que por isso foi banido do convívio com os demais. Na verdade, o ilustrador precisa de espaço e ali tem tudo o que precisa, do estirador que mandou fazer num marceneiro às tintas e à máquina de serigrafia. Isabel Minhós Martins contribui para a decoração com um recorte de jornal onde se pode ler: «Obviamente demitido». Também há cartazes nas paredes, uma constante por toda a casa. Agora acolhe uma ilustradora belga, mas em regra está ali sozinho, a menos que a cadela Violeta ocupe a almofada junto aos seus pés.

Para além dos espaços de trabalho, a vivenda onde todo o labor do Planeta Tangerina acontece tem mais vida. Para transformarem a sala de refeições em gabinete de trabalho, criaram uma espécie de cabana de madeira no quintal, com uma mesa no centro rodeada de bancos corridos onde se realizam almoços e conversas com autores ou visitantes. Às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs a equipa almoça junta nesse espaço. Desengane-se quem pensar que é uma estratégia motivacional ou social. Tudo se deveu ao facto de ali, naquele bairro de vivendas de Carcavelos, não haver oferta degustativa para os almoços diários. Madalena propôs então a uma amiga um serviço de catering para os três dias da semana. Resulta bem. Se sobra, alguém come no dia seguinte, e às 3.ªs e 5.ªs cada um traz o seu almoço ou opta por uma solução que lhe dê jeito, como ir a casa, por exemplo. Esse é aliás outro aspeto relevante para a equipa nuclear: todos vivem perto do local de trabalho e entre si. Por isso, quando perguntamos onde realizam reuniões editoriais Isabel responde que

VISITA GUIADA: PLANETA TANGERINA

raramente na vivenda. As reuniões de planeamento ocorrem duas vezes por ano, em regra. Combinam em casa de alguém, e discutem a cinco (Isabel, Yara, Bernardo, João e Madalena) as questões de fundo relacionadas com o plano editorial e de gestão. Das vidraças da cabana onde conversamos, a vista depara-se com árvores de fruto: uma figueira, uma ameixeira, umas laranjeiras, uma nespereira. Ao fundo, uma capoeira com galinhas e um galo. Quem mais se arrisca a tirar os ovos é Cristina. Confirmamos uma inspiração temática para *Como é que uma galinha...* O tempo passa ordeiramente no espaço dos Planetas. Tudo se cumpre sem grandes desvios. Isabel faz notar mais uma vez a importância do silêncio: «Agora trabalho sempre de phones. Foi um upgrade de qualidade.» Não se conversa muito, exceto quando há dúvidas ou é preciso resolver questões práticas e imediatas. Caso contrário, cada um cria no seu espaço. Se o livro é pensado a dois, as ideias desenvolvem-se individualmente e só depois se reúne o par para montar o que virá a ser o livro, cortando, alterando, acrescentando. Os outros elementos só o veem no fim, quando os autores consideram a sua ação criativa acabada. Perante a pergunta quem é o editor, Madalena não hesita: «É a Isabel.» Mas Isabel não se mostra absolutamente confortável nessa pele: «Da coleção Dois Passos e Um Salto sou editora. Também fui editora do *Lá Fora*. Mas de resto não.» Porque a visão distanciada e crítica que cada livro recebe chega sempre dos que nele não trabalharam.

E assim roda o Planeta Tangerina.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



Yara Kono, Cristina Lopes, João Gomes de Abreu e Joana Pardal





LICOR DE
TANGERINA

V. PALVART & FILS

PARIS-DÉPOSÉ

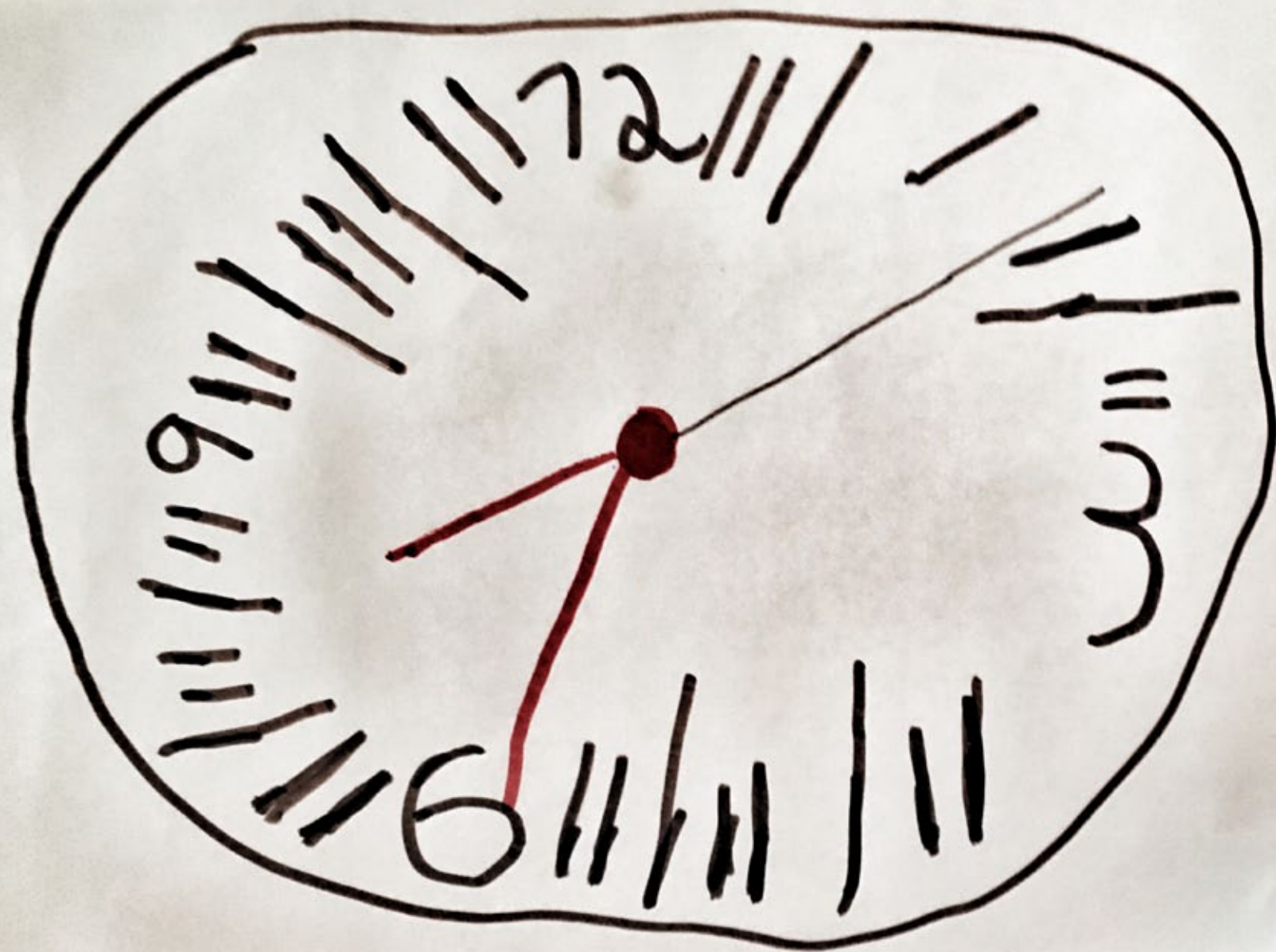
O
Q
H

QUE
HÁ?





Isabel Minhós e Raquel Mestre





Madalena Matoso







Bernardo Carvalho



dream
and
25 de Novembro
22h







De Sete em Sete
Holly Goldberg Sloan
Booksmile



Nesta longa novela juvenil tudo gira em torno da esperança, que assume aqui um valor paradigmático. O que tem um protagonista juvenil a mais do que um protagonista adulto? O mesmo que tem um leitor juvenil em relação a um leitor adulto: uma projeção do futuro muito mais ampla. A passagem do tempo afunila os sonhos à medida que se ganha consciência das competências individuais e que a experiência dita gostos, interesses e uma mais acurada noção dos limites espaciais, temporais e contextuais. Se à pergunta «O que queres ser quando for grande?» uma criança pode naturalmente responder astronauta e polícia ao mesmo tempo, um adolescente opta por oferecer hipóteses: «entre isto e isto». Na idade adulta, ter uma profissão de que se goste revela-se muitas vezes mais do que quanto baste. Willow, a protagonista, perde os pais num acidente de viação logo no início da narrativa. Não há ponto de partida mais cruel e a personagem racionaliza-o com bastante clareza. Nesta espécie de grau zero não há nada pior: Willow está viva, sozinha e sem perspetiva de futuro.

Para o leitor, nada seria tão perturbador, não fora o facto de ter sido introduzido no contexto do quotidiano desta solitária menina de doze anos, incompreendida na escola por ser sobredotada. Até ao momento da perda dos pais, são eles o edifício que sustenta a

normalidade da filha, na sua obsessiva busca pelo conhecimento e nos passatempos que lhe dão prazer.

É justamente devido a um juízo errado por parte de um professor e ainda reforçado pela diretora da escola que Willow acaba no gabinete de um psicólogo escolar. O comportamento da menina é de tal maneira desarmante para os outros que ninguém sabe bem como lidar com ela, e a

rotulação parece surtir um efeito mais imediato como se assim se resolvesse o problema por si só. Deste equívoco nasce uma oportunidade para Willow, quando conhece os irmãos Nguyen. Tudo isto acontece imediatamente antes do acidente.

Depois a novela detém-se em cada uma destas personagens: Willow, Mai e Quang-ha, a mãe dos dois, Pattie, Dell, o psicólogo, e ainda Jairo, um taxista mexicano. Mas não o faz de forma isolada e sim através das relações que se vão estabelecendo por força da circunstâncias. Todos, sem exceção, têm uma espécie de zona negra que se vai revelando, e com a qual todos têm de lidar. O ritmo dos acontecimentos permite que nada aconteça de supetão, tornando um quadro extraordinário num cenário não apenas credível como desejável pelo leitor que acompanha as diversas alterações que vão surgindo. Nada é linear e há até lugar para antecipações e retrocessos. Willow representa o centro desta teia e por isso é a única que se assume como narradora dentro do grupo. As suas reflexões e conhecimentos, nomeadamente de botânica e de medicina, entram no seu discurso com tamanha naturalidade que reiteram a credibilidade da sua condição de sobredotada. Contudo, a determinação emocional com que alimenta crenças e rituais, confere-lhe essa dimensão humana com que o leitor se identifica. Mais, é

esse sentido emocional que lentamente se vai libertando e de que a protagonista se dá conta que no final faz de si alguém integrado.

A novela tem como grande mérito uma composição muito competente, quer do ponto de vista da construção de cada personagem inadaptada, e na sua credibilidade como nos acontecimentos e seus efeitos em cada uma delas, bem justificados por lógicas causais, acidentais e até relacionais.

Simultaneamente, a catadupa de informações científicas conjuga-se com descrições poéticas e apontamentos sarcásticos. O desempenho profissional de Dell por um lado, as condições em que vive a família vietnamita ou o episódio em que Jairo está na livraria da universidade a questionar o seu direito a estudar revelam o sentido crítico da narrativa, que chama permanentemente a atenção para um sistema desigual e indiferente.

Por tudo isto, o final desilude. Só aqui a autora cede à tentação hiperbólica do grande desfecho que não é coerente com a cadência lenta dos pequenos feitos do quotidiano. Há um elemento que põe inclusivamente em causa toda a lógica da ação dada a sua inverosimilhança e que não era de todo necessário para um desfecho semelhante. Pelo contrário, considerando que esta pode ser uma novela de formação, um final coerente deixaria espaço para que todos pudessem continuar a mudar. E não que fossem, de forma redutora, felizes para sempre. Nenhum deles merece perder a esperança em troca de nenhum *el dorado*. Porque é sempre a esperança que os alimenta.

«A rapariga dirigiu-se até à esquina
para poder ver melhor.

A bolota não fora esmagada.

Jazia de lado, no meio da estrada, intacta.

Mai largou a mochila e foi buscá-la.

A bolota era uma sobrevivente.

A rapariga pô-la no bolso.

Sortuda. Era o que aquela bolota era.»



«Consigo lidar perfeitamente
com os outros miúdos, com
os professores e com tudo o resto,
mas não com a memória.

Não posso estar naquele sítio, pois,
sempre que me permito pensar no
último dia em que ali estive, desmorono.
Desligo-me deste mundo.»



«Apercebo-me agora de que estou
preocupada com todos eles.
É melhor do que preocupar-me
comigo mesma.

Este é um dos segredos que aprendi
nos últimos meses.
Quando nos preocupamos
com outras pessoas, os nossos problemas
perdem importância.»

Ké Iz Tuk?
Carson Ellis
Orfeu Negro

O tema do ciclo da natureza é caro aos livros de recepção infantil. Basta recordar *A Árvore* de Iela Mari. A mudança de cor ou forma dos elementos opera sobre um único quadro visual. Assim se pauta o ritmo narrativo, conduzindo o leitor pelos detalhes que compõem a diferença.

Esta estratégia não se limita ao ciclo das estações ou de vida de um animal ou planta. O mesmo acontece por exemplo com uma casa, na obra prima de Roberto Innocenti (*A Casa*, Kalandraka), cuja duração temporal é mais longa e marcada pela história das pessoas que a vão habitando. *Ké iz tuk?* recupera o tema e segue a linha mais tradicional, dando-lhe um sentido circular e repetitivo: o final é um recomeço. O que tem de distinto é a dinâmica que se estabelece entre os animais que são chamados a participar numa intervenção que ultrapassa uma atitude mais contemplativa ou secundária das personagens de outros livros subordinados à mesma temática. De tal maneira que, se o crescimento da planta é central na obra, tudo nela depende da forma como um trio de insetos a descobre e com ela se relaciona.

Tal não acontece imediatamente. Há um preâmbulo em que uma lagarta se passeia num tronco quando outros dois insetos, eventualmente dois mosquitos vestidos a rigor,



se questionam sobre aquela protuberância verde que cresce do chão.

Mas o casal desaparece e a lagarta despede-se do mundo isolando-se no seu casulo. É quando chega o trio que dialoga na estranha língua dos insetos e obriga o leitor curioso a rere os diálogos e comparar as palavras, em busca de

sentido. Há qualquer coisa de cómico aqui, perante uma dificuldade que desvia o leitor da linearidade do crescimento das folhas da planta, a par da erva junto ao tronco. Se o detalhe da mudança se verifica com o cuidado demorado do olhar, não há no processo mais do que confirmações: a erva é verde, as flores desabrocham, o cogumelo fica vermelho, aparece um caracol. E de novo as flores murcham, as folhas tingem-se progressivamente de dourado e castanho, os caules perdem irremediavelmente o viço. A cada dupla página procuram-se evidências do tempo que se cumpre. Ao mesmo tempo, lida o leitor com essa incompreensível comunicação que o deixa de fora da narrativa, que lhe barra parcialmente o caminho e o leva a concentrar ali a sua atenção. As surpresas sucedem-se em torno da apropriação da planta: primeiro trata-se de observar, depois de aproveitar as suas folhas para desfrutar, finalmente de levar a cabo a exigente tarefa de construir um castelo. Tudo acontece, a ajuda de quem vive por ali sem que o leitor sequer desconfie, a curiosidade de outros, vestígios da presença de alguém que só mais à frente se dará a conhecer. Também há ameaças e percalços, porque nenhuma missão se cumpre sem esforço e dedicação. Porém, perante a desolação alguém salva o castelo, embora

involuntariamente, que o ciclo da natureza tem destas coisas. No auge da prosperidade, toda a comunidade se junta para celebrar a flor e o seu castelo: o casal de moscas e outros amigos de asas, o casal de bichos de conta, lagartas, uma lesma e um caracol, uma abelha, muitas formigas, e o trio principal.

Quando chegam os primeiros sinais do frio e da morte, os animais começam a recolher, mas sem tristeza. E quase no final, a narrativa reserva uma surpresa ao leitor.

Entre o disparate e o óbvio, pode ser este o juízo de uma leitura apressada. Quando nos demoramos na delicadeza das formas, nos detalhes que animizam os insetos e nos seus diálogos, somos impelidos a desacelerar o passo e deleitarmo-nos, por interpostas personagens, a brincar no castelo, ou na casa da árvore, sempre presente no imaginário da infância.





SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

A J A N G A D A

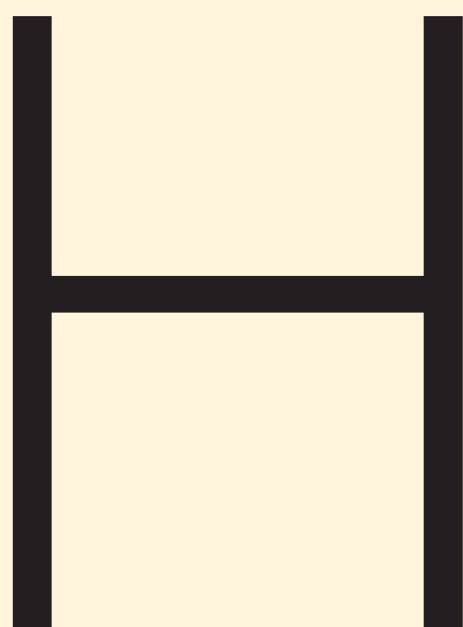
D E P E D R A

saramaguiana por RICARDO VIEL

3 0 A N O S ,

3 0 L H A R E S

FOTOGRAFIA: ENTRE OS DIAS 8 E 10 DE NOVEMBRO, VHILS E A SUA EQUIPA ESCULPIRAM O ROSTO DE JOSÉ SARAMAGO NUM MURO DA UNIVERSIDADE CARLOS III, EM MADRID. © FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO



á 30 anos, Joana Carda apanhou uma vara de negrilho e com ela fez um risco no chão, dando assim início à separação da Península Ibérica do resto da Europa e da viagem dessa enorme ilha em direção ao Sul. No mês de novembro de 1986, ano em que Portugal passou a pertencer à Comunidade Económica Europeia (CEE), José Saramago publicava *A Jangada de Pedra*. Com essa história fantástica o escritor sugeria que o destino dos portugueses e espanhóis estava numa aproximação com a América Latina e a África. «Espanha e Portugal têm umas possibilidades de diá-

logo que a Europa não tem: com a América Latina, com países da África. A Península Ibérica, quando parte como uma ilha para o Atlântico Sul, é como se fosse uma espécie de rebocador da Europa para o Sul, para tudo o que implica o Sul, em confronto com o Norte, com a dualidade de riqueza e pobreza, de superioridade e de inferioridade», disse José Saramago numa entrevista a Juan Domínguez Lasierra, em 2001.

P assadas três décadas da entrada de Portugal no espaço da União Europeia e da publicação de *A Jangada de Pedra*, o que fica? Com o intuito de perceber a importância literária e política deste romance, a *Blimunda* lançou uma série de perguntas a três especialistas: Burghard Baltrusch, professor de literatura e diretor da Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo; Francisco Louçã, economista e político português; e Manuel Alcântara, cientista político catedrático pela Universidade de Salamanca.



uc3m

BURGHARD BALTRUSCH

***A Jangada de Pedra* foi publicada em 86, mesmo ano em que Portugal e Espanha se tornaram membros da CEE. Que leitura se fez do livro naquele momento? Soava, já naquela época, como um alerta?**

Lembro vários artigos e entrevistas em jornais portugueses, espanhóis e alemães que, na altura, aproveitaram a publicação do livro para títulos que variavam entre expressões de preocupação, de surpresa, mas também de satisfação pelo facto de um escritor adotar uma perspetiva crítica que, até então, estava confinada às margens. Desde a direita até ao centro-esquerda depreciava-se o debate sobre os perigos que supunha a decisão de antecipar uma união económica a uma convergência político-cultural. Havia uma ampla maioria, nos principais países europeus, que acreditava que o prolongado período de paz após a II Guerra Mundial se devia exclusivamente à integração económica. O resto era considerado secundário. A perspetiva introduzida por *A Jangada de Pedra* era inovadora porque mostrou de uma forma muito plástica como o conflito pós-colonial de sistemas se foi transformando cada vez mais em conflito cultural. As relações de

Portugal e Espanha com as suas respetivas ex-colónias eram equilíbrios precários mas continuavam a ser profundas e duradouras. O discurso do iberismo saramaguiano acrescentava a ideia da culpabilidade de toda a Europa em relação aos países colonizados, um discurso ético inovador no que diz respeito à imagética portuguesa, e não só na sua vertente literária. *A Jangada de Pedra* posicionou-se contra a corrente providencialista na literatura portuguesa e lançou uma advertência: Depois de um afastamento de quatrocentos anos (entre o século XVI e o século XX), o reencontro entre a Península e a Europa chegou quando esta Europa já se encontrava esvaziada de muitos dos seus valores históricos e desprovida de um imaginário comum.

José Saramago disse, em mais de uma ocasião, que existia um risco de Portugal e Espanha perderem a sua identidade ao participarem num projeto europeu. Pensa que ainda existe esse risco?

Acho que foi no seu discurso de Estocolmo que caracterizou *A Jangada de Pedra* como «fruto do ressentimento coletivo português pelos desdêns históricos de Europa». Esta reivindicação dos «factos diferenciais», que separam a cultura ibérica da europeia, foi uma constante na obra de Saramago e estava sempre em consonância com os sentimentos dos chamados nacionalismos periféricos da Península. Dois anos depois da publicação de *A Jangada de Pedra*, em resposta

às acusações de anti-europeísmo que lhe foram dirigidas, Saramago esclareceu a sua posição no ensaio *O meu iberismo* (1988) e *Acerca do (meu) Iberismo* (1989). Aí falava da «constelação sociohistórico-cultural pluriforme» da Península Ibérica que constituiria «uma cultura fortemente caracterizada e distinta» da europeia. Desde a perspectiva de um contexto globalizado, resulta óbvio que a Península Ibérica perderia parte da sua condição histórica se a europeização chegasse a dificultar a sua relação histórica com as culturas da América Latina e da África. Visto assim, a «trans-ibericidade» proposta por Saramago não perdeu a sua atualidade: É a antiga questão se na Península devia prevalecer uma orientação mais transatlântica ou europeia. Mas também a pergunta se as culturas ibéricas têm mais a ver entre si do que com o resto da Europa. Os 35 anos de CEE/UE nivelaram muitas diferenças em termos económicos e administrativos. Há mais visibilidade da Península dentro das grandes potências europeias e na UE em geral. Mas também presenciamos uma crescente desconfiança dos países do Centro-Norte em relação aos países do Sul, acusados de serem demasiado corruptos, dispendiosos e preguiçosos. A recente tentativa do ministro de Finanças alemão, Wolfgang Schäuble, no sentido de interferir na política interna portuguesa, tem sido só um exemplo paradigmático entre muitos outros. Saramago certamente previu que uma integração económica sem enquadramento cultural e político ia causar muitos desequilíbrios. Entre eles, o de Portugal ser degradado ao estatuto de um fornecedor de mão de

obra barata ou de destino turístico *à la carte*. Neste contexto, a identidade portuguesa talvez se tenha mantido intacta em certos aspetos, mas há outros que foram transformados em estereótipos comercializados ou superficialmente estetizados, como o evidencia, por exemplo, o galo pop de Joana Vasconcelos.

Hoje, passados 30 anos da publicação da *Jangada*, que mensagem política/ideológica o livro carrega? Acha que é um romance que envelheceu bem, que continua a ser atual, ou ficou datado?

A «Europa finalmente como ética», que Saramago reivindicou em Estocolmo, não era somente uma ampliação do conceito de cultura, mas também uma atualização epistemológica: Em termos históricos, a mentalidade e forma de ser portuguesas sempre se alimentaram do Outro, tenha este sido galego, castelhano, árabe, africano, etc. Neste sentido diacrónico, a reivindicação de uma «trans-ibericidade» continua a incidir, por exemplo, na necessidade de um diálogo com culturas pós-coloniais que adquiriram a capacidade de combinar uma crítica social moderna com a defesa das suas identidades e tradições não-modernas. A crítica que se realiza em *A Jangada de Pedra* ao discurso eurocêntrico, em contraposição ao «facto diferencial» ibérico, parte precisamente desta diversidade de significados subjacentes à «cultura». Saramago emprega uma confabulação



hune.com

ALQUILER
902 10 86 86

de ética e estética como elemento discursivo pós-moderno, a «nova utopia» de uma «Europa finalmente como ética» que necessita ser orientada para o Sul, a fim de assumir as responsabilidades pela colonização e descolonização. Consequentemente, e ao contrário daquilo que propagara o providencialismo, Saramago reduz os ideários da nação e da identidade nacional a uma linguagem cultural, dissolvendo-as na necessidade multicultural da trans-ibericidade. *A Jangada de Pedra* continua a ser uma expressão utópica mas também uma mensagem política. Reivindica a necessidade de reinventar imaginários depois das imposições coloniais; continua a chamar a atenção para os processos de desterritorialização cultural, tanto de pessoas como de valores e de ideários nas quais se baseavam as identidades; adverte, finalmente, que o tempo das identidades culturais uniformes definitivamente desapareceu. É por isso que este romance constitui, ainda hoje, uma alegoria convincente de uma pluralidade cultural ibérica como modo de identificação alternativo.

Para onde vai hoje essa jangada? A Península vai para algum lado ou está estancada?

A jangada continua sem velas, a Península está estancada, tal como a Europa, onde o Norte desconfia do Sul. A Espanha está em processo de desagregação interna e Portugal não encontra o seu lugar na CPLP, onde recentemente se manifestou a incapacidade de estes países encontra-

rem formas de negociação eficaz entre as diferentes sensibilidades dos seus membros. A não ser que queiramos interpretar a proposta de António Costa, em relação a uma «liberdade de fixação de residência», como ponto de partida de uma inovação nas relações entre a Península e o resto da Europa. Mas o conteúdo real desta ideia ainda está por ver. Mais sólido continua a ser a ideia da «Europa ética» e do trans-iberismo saramaguianos, como proposta de um humanismo moderno ou, até, pós-moderno, um perspetivismo crítico em relação à história e às teorias e ideologias sistémicas. Porque é precisamente isto o que falta na UE.

Enquanto Camões tinha pessoalizado Portugal e Pessoa o tinha mistificado, Saramago despersonalizou e desconstruiu a ideia do estado-nação, reduzindo-a a uma linguagem cultural e dissolvendo-a na utopia da «trans-ibericidade». Esta talvez tenha sido a sua nova «Mensagem» em *A Jangada de Pedra*, na que ironicamente reproduziu aquela conhecida metáfora de Unamuno que via Portugal como a «proa da Europa».

FRANCISCO LOUÇÃ

***A Jangada de Pedra* foi publicada no ano em que Portugal e Espanha se tornaram membros da CCE. Era um alerta e forma de romance?**

Sem dúvida. O autor queria que assim fosse e assim foi. É uma metáfora, portanto distante da política imediata, mas sem dúvida uma reflexão sobre o lugar de Portugal e, no caso, da península Ibérica.

«Nada temos a ver com a Europa. As tentativas de nos dissolverem na Comunidade Europeia, em termos culturais e económicos, podem matar para sempre a nossa identidade», disse José Saramago numa entrevista em 1982. Como vê essa declaração hoje?

É o estilo direto de Saramago. Creio que Portugal tem que ver com a Europa, pois é um dos espaços das nossas vidas e histórias, mesmo que estejamos pendurados entre vários continentes e mares, para o melhor e para o pior. Mas o principal da frase é que estão a matar a nossa identidade. E nisso acho que tem toda a razão, então como 35 anos depois. A «economia que mata», a finança que nos empobrece, as regras que nos diminuem, tudo isso destrói identidade porque reduz democracia.

***A Jangada de Pedra* deve ser lido como um livro que carrega consigo uma ideologia?**

Duvido que se possa ou deva ler um romance como um manifesto político. Se assim fosse, de pouco valeria. Este, como outros livros de Saramago, narra uma história que vale por si, porque é verdadeira para os seus personagens e para os seus leitores. Fala de nós, da vida, das emoções, das nossas coisas. Portanto, é uma metáfora que é muito mais do que uma metáfora, e é por isso que não envelhece.

O futuro da Península Ibérica está mais próximo da Europa ou do Sul?

Como se sabe, eu não sou iberista (e não sei se Saramago seria). Não acho que haja um desígnio ibérico e sei que fomos a única nacionalidade da Península a tornar-se independente de Castela, e assim quero que continue. Mas Espanha interessa-nos e precisamos de amigos e aliados, tanto mais que os diretórios europeus estão a impor de um e de outro lado da nossa fronteira uma política de empobrecimento e o programa de liberalização e financiarização. E esse programa é a maior ameaça para as nossas vidas, porque nos retira tudo: direitos, dignidade, comunidade, democracia, respeito, responsabilidade.

MANUEL ALCÁNTARA

A *Jangada de Pedra* foi publicada em 86, mesmo ano em que Portugal e Espanha se tornaram membros da CEE. Que leitura se fez do livro naquele momento? Soava, já naquela época, como um alerta?

A ideia de que Portugal e Espanha se desligassem fisicamente do Continente Europeu não podia ser mais provocadora. Li o livro em dezembro de 1987 – como adverte a nota que escrevi na primeira página, algo que costumo fazer –, e nessa altura havia um consenso generalizado, em ambos os países, de que a solução para que se chegasse ao desenvolvimento era a integração europeia. Era também um velho pedido, sobretudo das elites intelectuais, o «ser Europa», ou seja, romper certos complexos de inferioridade por ter estado posto de lado durante os períodos autoritários. Em Espanha, só um pequeno grupo de intelectuais, muito à margem, advogava por uma solução como a apresentada por Saramago. Era o caso, recordo-me, de José Luís Rubio ou de Manuel Lizcano.

Vista hoje, parece uma imagem atual essa da necessidade de rumar para o Sul?



A metáfora é brilhante. A insólita ação de fazer um risco no chão à altura de Cerbère e suas consequências é de uma imaginação muito potente, além disso soma-se aquele terrível ditado que diz que a Europa «começava nos Pirenéus», fazendo uma espécie de desconstrução dele. Uma mulher, Joana Carda, com um poder insólito insurge-se contra um ditado mil vezes repetido até fazê-lo efetivo da maneira mais feroz possível – e que não podia ser outra que não fosse o isolamento.

Encontra uma mensagem política ou ideológica no livro?

A ideologia seria a do Iberismo, um programa de ação política baseado numa comunidade que ocupa um espaço muito concreto como o de uma península, cujas línguas são muito similares, assim como os padrões culturais. Algo que teve um significado bastante intenso no primeiro terço do século XX, mas que se diluiu quando a loucura imperial se instalou nas cabeças dos dirigentes dos novos regimes autoritários e as visões estreitas e fortemente nacionalistas e centralistas se impuseram em Lisboa e Madrid.

Passados 30 anos, que leitura se pode fazer hoje de *A Jangada de Pedra*? Muita coisa mudou desde 86 em relação a essa península e o seu futuro ou seguimos com as mesmas dúvidas e problemas?

Penso que somos apenas peças na ordem global que lentamente vai abrindo espaço. Fazer parte de unidades superiores parece ser a tábua de salvação, e expande-se a ideia de que fora da União Europeia não há salvação. Atualmente a Península Ibérica não tem um futuro político próprio, ainda que num processo de forte decomposição europeia poderia, sim, tê-lo como integração dos pequenos – ainda mais se na Catalunha os desejos mesquinhos de separação triunfaram. Num panorama futuro não seria estranho que pudesse dar-se um cenário de federação ibérica, repito, se as bases sobre as quais atualmente se erguem a União Europeia desaparecerem. Trinta anos de pertença ao projeto europeu é suficiente para configurar novas identidades, consolidar processos e desenhar programas de ação comum. No entanto, é pouco tempo na história dos povos. Como já disse, uma profunda crise na União Europeia pode supor a reconfiguração do panorama que nos vincula aos nossos vizinhos. Nesse caso, como projeto ibérico *A Jangada de Pedra* poderia fazer sentido. No entanto, é preciso levar em conta o papel, na minha opinião irreversível, da globalização assim como o império da ordem neoliberal no terreno dos valores como o individualismo e a competitividade, que hoje parecem tão arreigados e que vão, precisamente, contra o ideário defendido por José Saramago.

A J A N G A D A

D E P E D R A

saramaguiana por ANTONIO SÁEZ DELGADO

3 0

A N O S ,

3 L E I T U R A S

A primeira vez que li José Saramago fi-lo em espanhol. Convém dizê-lo já, na primeira linha. Começava os meus estudos universitários e Saramago desembarcara em força nas mesas das novidades com *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, o primeiro livro seu que me caiu nas mãos. Acerquei-me dele, como tantos outros leitores, atraído pelo eco de Pessoa, que havido lido muito pouco tempo antes e também em espanhol. Comprei o exemplar de Pessoa numa feira da que era então a minha cidade, Cáceres, e a leitura de Álvaro de Campos foi como um tiro. Assim, quando vi a capa do livro de Saramago numa pequena livraria dessa mesma cidade, não hesitei.

Se bem me lembro *A Jangada de Pedra* foi o segundo livro de Saramago que adquiri. Li-o, como ao primeiro, através das palavras de Basilio Losada, do mesmo modo que li depois muitos outros graças às de Pilar del Río. Também aquele primeiro Fernando Pessoa me chegou filtrado por um tradutor, José Luis García Martín. Disse Saramago: os autores fazem as literaturas nacionais, os tradutores a universal. Passaram três décadas desde então, montanhas de livros e bastantes de Saramago, já na sua língua de origem. Mas hoje gosto de recordar, impelido precisamente pel'*A Jangada de Pedra*, que tomei contacto pela primeira vez com Saramago e Pessoa em espanhol, na língua dos meus pais.

Li *A Jangada* em três ocasiões: a primeira, enquanto universitário, em finais dos anos oitenta, por prazer; a segunda, já em português, em meados dos anos noventa, recém-chegado à Universidade de Évora como Leitor de Espanhol, por obrigação moral (eu também sentia que algo na minha vida se havia fendido e que começava a viver num território que jamais me seria alheio); a terceira, curiosamente, o verão passado, no meio de uma planície da Extremadura contígua à fronteira portuguesa, sem saber muito bem porquê, desfrutando como nunca cada palavra.

Da leitura do livro nos anos oitenta recordo vivamente o fascínio que o tema me provocou, a história daquela península separada do continente e à deriva pelo oceano. Da leitura do livro nos anos noventa recordo uma sintonia complacentemente biográfica, deixando-me levar e sentindo-me como mais um dos personagens que protagonizavam a aventura narrada (não por acaso, soube-o depois, eu começava a construir em Évora a minha própria jangada de pedra, a que me levaria, mais à força de remos do que à mercê do vento, a construir o meu próprio espaço vital). Da leitura do livro no verão passado lembro, sobretudo, o desfrutar da brisa da tarde nas azinheiras e o pôr do sol por detrás das páginas na serra de São Mamede, ao longe. E também a perplexidade de pensar que em 1986, faz agora trinta anos, coincidindo com a publicação do livro, Portugal e Espanha entravam lado a lado na União Europeia, apenas uns meses antes – a 14 de junho desse mesmo ano, às quatro da

tarde em ponto – de Saramago conhecer Pilar, o seu pilar (a sua pedra), com quem começou a navegar uma nova vida que os levaria, num caminho eterno de ida e volta através do mundo, a Lanzarote, outra jangada de pedra.

Hoje já não consigo ler o livro sem que estes elementos se aglutinem na minha cabeça. Trinta anos depois, é um facto, *A Jangada de Pedra* eiva-se de uma atualidade especial do ponto de vista europeísta. É impossível lê-lo e não pronunciar em voz baixa palavras como fronteira, jangada, humano, não nos lembrarmos dessas outras jangadas que chegam do sul carregadas de seres humanos que sonham com o paraíso europeu. Poderia falar da ironia inteligente da obra, dos referentes literários de que transborda, da importância da paisagem, do sólido (o pétreo) e do líquido... mas não estaria de modo algum a ser fiel à leitura que faço hoje em dia. Os livros mudam-nos com o passar dos anos. Acontece-me algo semelhante, ressaltando as devidas distâncias, com *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a que também voltei este verão, também à sombra da mesma azinheira. A primeira vez que o li, foi Pessoa o protagonista; nesta última leitura, ganhou nas páginas



desse mesmo livro um protagonismo extraordinário o ambiente pré-bélico e bélico da Guerra Civil espanhola. Novamente as mesmas palavras (fronteira, humano) ressoando-me na cabeça.

Poucos escritores portugueses do século XX oferecem tantas referências a Espanha e à sua cultura (ou se preferirmos à Ibéria e à sua cultura) como Saramago. Poucos souberam como ele, a partir desse ceticismo irónico que se entranha até à medula no leitor, aproximar-se de alguns dos tópicos mais profundos da cultura vizinha. Confesso que a última vez que li *A Jangada de Pedra*, este verão, fi-lo sob a influência de uma procura, como quem tenta encontrar respostas para uma pergunta que não se consegue formular corretamente. Conhecia algumas das palavras fundamentais dessa pesquisa, estava seguro de que o conceito essencial era o de distância. Não seria complicado, mas sim quixotescaamente triste e divertido ao mesmo tempo, fazer uma pequena antologia de textos de escritores ibéricos do século XX que se referem à distância entre Portugal e Espanha, entre Espanha e Portugal. Vou reunindo pouco a pouco esses fragmentos e vou-os guardando numa pasta do meu computador. É uma pasta, digamo-lo assim, sem adjetivos, onde se acumulam queixas de escritores que cruzam o século XX resmungando por não conseguirem percorrer os quilómetros simbólicos e míticos que separaram os dois países.

Aligeirei a perplexidade dessas leituras com *A Jangada de Pedra*, já o disse, como quem procura

uma resposta. Embrenhei-me de novo nas suas páginas sem me deixar cegar pelo brilho da ideia genial que serve de ponto de partida e sem me permitir ser mais um no grupo que percorre a península para encontrar as suas respostas particulares. Intuí-a, isso sim, que a distância que me interessava, e que penetrou o mais profundamente possível no imaginário cultural das relações entre os dois países, estaria presente de uma forma ou de outra no livro. E não me enganei.

Porque muitas vezes pensamos nessa distância olhando só dentro de nós, e é necessário fazê-lo de fora, por fora. Essa distância a que me refiro é a que fez, por exemplo, com que os dois poetas portugueses mais conhecidos e divulgados em Espanha durante o século XX, o hoje esquecido Eugénio de Castro (na primeira parte) e Fernando Pessoa (na segunda), tivessem que recorrer a uma imensa viagem atlântica para atravessar a tão próxima fronteira luso-espanhola. Castro, que viveu em Coimbra, chegou ao país de Cervantes através do magistério do nicaraguense Rubén Darío, que chamou a atenção para a poesia simbolista do português; Pessoa, nos princípios dos anos sessenta, alcançou um lugar privilegiado entre as referências dos escritores espanhóis graças ao trabalho do mexicano Octavio Paz, que soube conceder à poesia do autor dos

heterónimos o lugar que merecia. Ambos, Castro e Pessoa, compatibilizaram essa distância espectral que separava Portugal e Espanha através de uma imensa viagem pelo oceano Atlântico.

E que tem isto que ver com *A Jangada de Pedra*, com a estória de uns personagens que veem separar-se a península de uma Europa que em 1986 era ainda um sonho? Tem que ver porque talvez o importante da obra não seja (ou não seja só) que a península se separe da Europa, mas que tome, no percurso final, um rumo que a conduza até à América do Sul, até esse continente imprescindível, desdobramento natural da Península em matéria cultural, que ajudou os espanhóis a lerem Castro e Pessoa e que Saramago nos pede, num piscar cúmplice de olho, que não esqueçamos.

Por isso, creio que *A Jangada de Pedra* está plenamente atual e mais viva do que nunca trinta anos depois, recordando-nos que o mundo é vasto e amplo e que o Iberismo de que tantas vezes falamos ao referirmo-nos a Saramago deve de facto ser, nos nossos dias, Transiberismo, pois conta como elemento fundamental, muito para lá dos referentes europeus, com o diálogo cultural com os países iberoamericanos. Um diálogo que parece uma resposta visionária do autor no contexto daquele 1986 em que os dois países integraram a União Europeia, e que, passados trinta anos, se torna mais necessário do que nunca recordar.

A J A N G A D A
D E P E D R A

saramaguiana por PILAR DEL RÍO

N A V E G A A T É
À A M É R I C A
L A T I N A

Em Novembro, a Feira Internacional do Livro de Guadalajara (FIL), México, abrirá as suas portas com um convidado de honra tão grande quanto um continente, nada mais nada menos do que a América Latina. O motivo para tão sonoro convite tem a ver com a história da Feira, que este ano completa os seus primeiros trinta anos de vida. Os mesmos que o romance de José Saramago, *A Jangada de Pedra*, que nasceu em Portugal, em 1986, para dar início a uma navegação que não termina, porque os seres humanos, às vezes sem serem de todo conscientes, desejamos a aventura do encontro, de uns com outros e, oh, a magia da literatura, entre continentes. Por isso *A Jangada de Pedra* tinha que estar na FIL no dia de abertura, na tarde de 26 de Novembro: que bom dia para uma cerimónia levantada e principal.

A urgência da viagem fez-se tão evidente que José Saramago, para satisfazer tanta inquietação, não teve mais remédio senão lançar ao mar a terra que habitava, e assim escreveu sobre a viagem da Península Ibérica em direção à América Latina. Não fugia, ao contrário do que muitos entenderam, simplesmente apostou no poder da razão. A Península Ibérica separada do resto da Europa – IbExit radical – funcionaria como um rebocador a arrastar o continente europeu até mundos que o esperam e que são mais brilhantes que o próprio umbigo. Usou, José Saramago,

o modo literário para chamar a atenção do adormecimento no qual a Europa estava submersa, uma contribuição singular para enfrentar a cegueira que prosperava com a brutalidade do passado recente. José Saramago intuía que a celebração europeísta, da forma como se estava a produzir, invocava a obscenidade da exploração, daí a importância de intervir para ratificar os valores que nos fazem livres. E agora vem a pergunta-chave: Poderia um encontro de culturas e civilizações impedir o caos? Não é isso o que está escrito no romance, mas depreende-se da sua leitura que os seres humanos, colocados em posição de entendimento e de mútua compreensão, podem alterar todos os projetos.

Navegava a jangada de pedra pelo oceano enquanto vários homens e mulheres percorriam a ilha-península como novos Quixotes, preparados para enfrentar todos os moinhos de vento. Também estes seres humanos se amam – e aqui Saramago vai mais longe que Cervantes – e geram vidas que nascerão com o maravilhoso dom do inconformismo. Eles, filhos das mães do romance, seguirão escrevendo sobre aventuras fabulosas porque sabem que navegar até aos outros é o melhor e, para além disso, é preciso.

A Jangada de Pedra chega ao México porque é o seu destino natural e lá encontra-se com os outros países do continente americano. A festa dos trinta anos não poderia ser mais bela. Apetece agradecer à vida por permitir-nos que vivamos isto. Faço-o: *gracias a la vida*.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



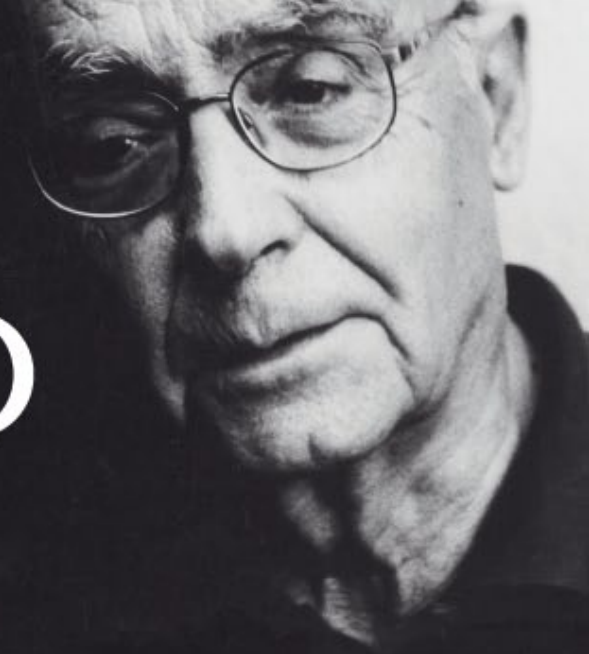
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



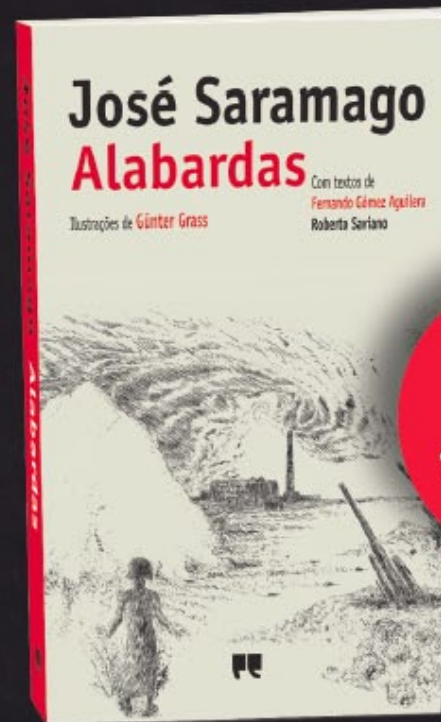
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

A Casa José Saramago

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



até
4 dez

Favelagrafia

Exposição que reúne o trabalho de nove fotógrafos, todos eles moradores de favelas do Rio de Janeiro, sobre os espaços onde habitam.

Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna.

→

até
18 dez

Edgar Pera: uma retrospectiva

Ciclo de cinema dedicado a Edgar Pera, assinalando os trinta anos de carreira do realizador.

Porto, Museu de Serralves.

→

até
18 dez

As Criadas

A peça de Jean Genet sobe ao palco do Dona Maria II com interpretação de Beatriz Batarda, Luísa Cruz, Sara Carinhas e encenação de Marco Martins.

Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II.

→

até
5 mar

Pessoa/ Lisboa

Exposição dedicada a Fernando Pessoa, partindo de materiais audiovisuais que ajudam a compreender as muitas dimensões da sua obra e a acompanhar o seu percurso biográfico.

Madrid, Círculo de Bellas Artes.

→

16 a 30
nov

Dias do Desassossego

Programa partilhado pela Fundação José Saramago e a Casa Fernando Pessoa, os Dias do Desassossego terão debates, concertos, leituras, teatro e outras atividades.

Lisboa, vários lugares.

→

N O V E M B R O

**25 e 26
nov**

L'Isola disabitata

Interpretação da
peça teatral e
musical do século
XVIII, da autoria de
Pietro Metastasio,
pela orquestra
Divino Sospiro.
Lisboa, Centro
Cultural de Belém.
→

**26 nov
a 5 dez**

Salmôn Festival

Festival de dança
contemporânea
de Barcelona,
integrando na
programação
algumas das
propostas mais
transgressoras
das disciplinas
associadas à dança.
Barcelona, Mercat
de les Flores.
→

**6 a 10
dez**

Finta

22ª edição
do Festival
Internacional de
Teatro de Tondela,
organizado pela
ACERT e com a
participação de
vários grupos
e companhias
nacionais e
estrangeiras.
Tondela, Novo
Ciclo/ACERT.
→

**8 a 11
dez**

Eroski Paraíso

A companhia galega
Chévere regressa
aos palcos com um
projeto construído
sobre a promessa
de um paraíso social
feita por un Estado
Providência à beira
da desagregação.
Santiago de
Compostela, Teatro
Principal.
→

**8 a 18
dez**

Climas

Um espetáculo
que cruza o teatro
e a dança, mas
igualmente a
poesia, o som e o
vídeo, inspirado no
Diário das Nuvens,
de Goethe.
Porto, Teatro
Nacional de São
João.
→

'A Fundação é um espelho em que nos contemplamos os dois, mas a mão que o sustém, a mão firme que o sustém, é a de Pilar. A ela me confio como a qualquer outra pessoa não seria capaz.'

José Saramago

A black and white photograph of a woman, Pilar del Río, in profile, looking down. She is wearing a white t-shirt and has her hands clasped in front of her. The background is dark with large, stylized white letters, possibly 'CASA' and 'MIS'.

Parabéns
Pilar del Río
pelo Prémio
Luso-Espanhol
de Arte e Cultura
2016